

CLAUDIA CINELLI CARBONELL

MATERNIDADE E TRABALHO:
O DESAFIO DAS MULHERES CONTEMPORÂNEAS

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2010

CLAUDIA CINELLI CARBONELL

MATERNIDADE E TRABALHO:
O DESAFIO DAS MULHERES CONTEMPORÂNEAS

Trabalho de Conclusão de Curso como
exigência parcial para Graduação no
Curso de Psicologia, sob orientação da
Profa. Dra. Flavia Arantes Hime

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo

2010

AGRADECIMENTOS

Este trabalho significa um marco de um intenso processo propiciado pela minha escolha de ser psicóloga, sendo que seu término só foi possível porque pude contar com algumas pessoas que, de diversas maneiras, me apoiaram e incentivaram na busca do meu objetivo, e a quem agradeço:

À minha mãe e ao meu pai, pela oportunidade, investimento e confiança que fizeram com que eu chegasse até a conclusão deste curso. Por todo amor, carinho, confiança que sempre tiveram comigo.

Aos meus irmãos, Henrique e Roberta, companheiros da/pela vida, agradeço por toda alegria, carinho, força, conselhos e conforto, que me ajudaram a acreditar em minha capacidade.

Ao Fabio, por ter compartilhado dos meus inúmeros momentos de nervosismo e angústia, por ter acreditado em mim, por todo carinho, paciência, compreensão, apoio e confiança, que serviram como estímulo para que eu prosseguisse.

À Nati, Carol e Helô, amigas queridas que, durante estes 5 anos, estiveram ao meu lado, tornando meus dias mais prazerosos, enriquecendo meu aprendizado, e compartilhando a ansiedade e dúvida gerada pelo fim de mais uma etapa em nossas vidas.

À Andréia, participante desta pesquisa, guerreira, alegre, entusiasmada, e sem a qual não conseguiria concluir esta etapa.

À Flavia, minha orientadora, obrigada por toda atenção, disponibilidade, preocupação, carinho, sensibilidade, ensinamento, conforto e dedicação. Por todo comprometimento que teve comigo em todas as etapas do presente trabalho, fazendo a diferença em cada uma delas, sem deixar de acreditar em mim, acolhendo meus anseios e me dando segurança para que continuasse.

Muito obrigada a todas as pessoas que me serviram de inspiração e a todos que, de alguma forma, me ajudaram na realização deste trabalho.

Claudia Cinelli Carbonell: "Maternidade e trabalho: o desafio das mulheres contemporâneas", 2010

Orientadora: Profa. Dra. Flavia Arantes Hime

Resumo

As mulheres contemporâneas têm buscado cada vez uma vida profissional fora de casa; a conciliação destes projetos com a maternidade tem produzido muito estresse em suas vidas. São muitos os desafios que enfrentam cotidianamente e descobrir qual a melhor maneira para desempenhar cada um destes papéis não é fácil, se configura em um conflito entre o que seria ideal e qual a realidade apresentada. O objetivo deste estudo foi compreender, diante deste cenário, como estas mulheres significam seus vínculos tanto na vida familiar, como na vida profissional. Para tanto, se considerou de extrema importância que se buscasse como têm estruturado seus processos de escolha e quais as reais possibilidades e desafios que consideram presentes em suas vidas. Através da abordagem psicanalítica e utilizando-se método qualitativo-descritivo, acredita-se que foi obtida uma compreensão ampla e real do fenômeno vivido pela participante. Desta maneira, acredita-se que os resultados deste estudo podem contribuir com informação que auxiliem a atuação de diversos profissionais, quer sejam psicólogos, mães trabalhadoras ou profissionais que trabalhem com ou no mesmo ambiente que elas assim como em sua rede, no sentido de fornecer visibilidade às questões envolvidas, promovendo saúde psicológica.

Palavras-chave: mulher, maternidade, trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. CAPÍTULO I - Maternidade	7
1.1. Ser mãe	7
1.2. Ser mulher na contemporaneidade	18
2. CAPÍTULO II – Trabalho feminino	23
3. Método	30
3.1. Participantes	30
3.2. Instrumento	31
3.3. Procedimentos	31
3.4. Procedimento para análise dos resultados	32
3.5. Considerações éticas	33
4. Resultados	34
5. Análise e discussão dos resultados	42
6. Considerações finais	54
7. Referências bibliográficas	60
ANEXO A: Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
ANEXO B: Linha da vida	
ANEXO C: Desenho	

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.

Ricardo Reis (heterônimo de Fernando Pessoa)

INTRODUÇÃO

O tema da maternidade e tudo que a envolve me fascina. Acredito que os processos envolvidos na constituição do sujeito são muito preciosos e merecem atenção. Meu interesse em realizar uma pesquisa sobre maternidade e trabalho surgiu por considerar que ambos os aspectos são essenciais na vida da mulher contemporânea. Entretanto, através de observações do cotidiano, vejo que cada um dos aspectos se apresenta como obstáculo para a plena consecução do outro. Sendo assim, penso ser relevante realizar um estudo sobre as possibilidades de conciliação entre estes dois âmbitos da vivência feminina.

A revisão da literatura revela que a mulher sempre trabalhou, sendo que a desigualdades de gênero passaram a tornar-se mais marcantes a partir da emergência do patriarcado, na fase agrícola (Muraro, 1992). A partir deste momento histórico houve a valorização do trabalho masculino em detrimento do feminino, o que até hoje se revela por múltiplos indicadores, como os salários mais baixos auferidos pelas mulheres nas mesmas funções que os homens, as menores e piores oportunidades das profissionais, a falta de infra-estrutura que possibilitasse a conciliação entre trabalho e maternidade.

Com a Revolução Industrial e com as duas Guerras Mundiais as mulheres foram chamadas às fábricas para substituírem seus maridos, dando início às questões associadas ao valor financeiro do trabalho feminino: elas se conheceram de uma maneira diferente, além de terem descoberto habilidades desconhecidas até o momento. O trabalho feminino era considerado “inferior ao do homem, e limitado a postos subordinados” (Lipovetsky, 2000, p.206), era desqualificado, sofria rejeição social e ainda era visto como nocivo à dinâmica familiar.

De acordo com Meirelles (2001), após a Segunda Guerra Mundial, especialmente nos Estados Unidos com o *american way of life* e o *baby boom* difundiu-se a idéia de equilíbrio, de uma sociedade idealizada, na qual era imprescindível que os cidadãos cumprissem seus papéis cívicos de maneira harmônica dentro e fora de casa. Em tal contexto, as mulheres foram “convidadas” a voltar para a casa, cuidar do marido e de seus filhos, mantendo-se a cultura da mulher dependente da figura masculina.

O casal conjugal caracterizava-se como a díade homem provedor – mulher cuidadora: a ele cabia o espaço público, sendo o responsável pelo sustento da família e tendo maior reconhecimento. A ela correspondia o espaço privado, do cuidado e das responsabilidades pela casa, pelo marido e pelos filhos. A crença da oposição e complementaridade entre homens e mulheres permeava o contexto social assim como as relações interpessoais e a construção da subjetividade.

Como exemplo, o amor romântico, vigente desde o final do século XVIII, dividia as pessoas em metades, que se completariam na relação amorosa, que deveria durar para sempre. A pessoa ideal deveria ser encontrada: se homem, deveria ser forte, racional, objetivo, competitivo. Ou seja, supunha que tivesse as qualidades exigidas no âmbito profissional. A mulher se caracterizava pela doçura, sensibilidade, pelo acolhimento e capacidade empática, especializando-se, assim, nas relações de intimidade. Ao ideal sobrepunha-se a realidade, que refletia frustrações, desencontros, não propiciando o desenvolvimento integral de cada indivíduo, homem ou mulher. Entretanto, esse casal tradicional sustentava o *status quo*, reproduzindo os valores sociais vigentes (Giddens, 1993).

Na década de 60 do século XX observou-se o que se chamou de momentos contracultura: várias minorias começaram a lutar pela igualdade de direitos, além dos

pacifistas, que condenavam a Guerra do Vietnã. Foram movimentos que exigiam transformações sociais, raciais, econômicas, no âmbito da sexualidade, que questionaram o *status quo* e reivindicaram mudanças. Aos gays, negros, pacifistas, ambientalistas, uniram-se as mulheres feministas, denunciando as desigualdades e lutando por seus direitos no âmbito público e privado. O livro de Simone de Beauvoir, “O Segundo Sexo” (1949), teve maior penetração apenas com a publicação do livro “A mística feminina”, de Betty Friedan (1963), que denunciava a insatisfação da mulher que submetia-se ao papel coadjuvante e não de protagonista da própria história.

Impulsionadas pelo advento da pílula e pela revolução sexual que discriminava sexo e procriação, assim como sexo e amor, as mulheres de todo o mundo se organizaram e buscaram a igualdade de direitos e o rompimento com o ideal de rainha do lar, lutando em busca de novos espaços e de novas relações. O trabalho extradomiciliar passou a representar uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional – especialmente para as mulheres de classe média e alta, já que as operárias sempre trabalharam duro.

O trabalho assalariado juntamente com a carreira significou o caminho para a independência, “para a possibilidade de construção e realização de projetos individuais, voltados a um novo ideal de eu feminino” (Meirelles, 2001, p.4). A mulher ampliou seus papéis: saiu do universo privado e doméstico em busca de novos papéis de domínio público. Hoje as mulheres reivindicam igualdade salarial, de oportunidades e de funções e lutam para melhores condições de desenvolvimento profissional.

De acordo com Esteca (2004, p.57), “na realidade, apesar dos esforços sociais pela igualdade entre os sexos, ainda hoje jovens instruídos acreditam que os homens pertencem mais ao mundo do trabalho e as mulheres pertencem mais ao lar, com o dever de educar as crianças”. Esta fala coincide com Meirelles (2008), quando a

autora afirma que as mulheres apresentam maior dificuldade de romper com os padrões tradicionais de casamento, uma vez que continuam se responsabilizando pelo espaço doméstico, mesmo quando são altas executivas, que podem delegar funções a empregados qualificados. Assim, houve uma ampliação de papéis e não sua reformulação, portanto, ainda hoje existem muitos preconceitos e desafios, evidentes e velados, sobre a emancipação feminina e busca de autonomia.

Atualmente são muitas as pesquisas que têm denunciado a forte presença de estresse relacionado ao acúmulo de funções proporcionada pela carreira da mulher moderna, tanto no que se refere a importância dada a sua identidade pessoal, como na decisão de ter ou não filhos, na presença deles e na relação com o marido (Diniz, 2000; Meirelles, 2001).

“As principais queixas das mulheres no consultório referem-se ao profundo cansaço físico, mental e psicológico que as abate, decorrente das múltiplas demandas da carreira, cada vez mais exigente quanto ao aperfeiçoamento e à competitividade do mercado de trabalho atual”

(Meirelles 2008, p.72)

A expansão de papéis tem se revelado uma tarefa muito árdua para a mulher, que além de ter uma carreira, um casamento e família, continua sendo a responsável pelos cuidados da casa e dos filhos. Lipovetsky (2000) afirma que ao contrário dos homens, a opção das mulheres pela carreira é acompanhada por conflitos e sentimentos de culpa em relação às suas funções de mãe.

Dentro deste cenário, como estas mulheres se tornam mães? Como elas desempenham seus papéis maternos? Qual a quantidade e qualidade de tempo que destinam a seus filhos?

Segundo Winnicott, é a mãe (ou quem assume os cuidados iniciais) quem introduz o bebê no mundo, é a qualidade da relação, do vínculo mãe-bebê, que constitui a base para o desabrochar de uma pessoa, para o tornar-se humano.

“Quando uma mãe é capaz de ser mãe com toda a naturalidade, jamais devemos interferir. Ela será incapaz de lutar por seus direitos, pois não terá uma compreensão dos fatos. Tudo que saberá é que foi ferida. A única diferença é que o ferimento não é de um osso quebrado ou um corte em seu braço, mas sim a personalidade mutilada de seu bebê. É muito comum que uma mãe passe anos de sua vida tentando curar este ferimento, que na verdade foi causado por nós quando, desnecessariamente, interferimos em algo que, de tão simples, não parecia ser importante.”

(Winnicott, 1987, p.11)

Diante de tantos desafios, como a mulher moderna consegue desempenhar este saber natural de que Winnicott fala? Segundo Reibel (2000, p.86), “fica prejudicada, na medida em que somos des-sensibilizados, alienados do nosso sentir, de nosso intuir, e conectados a um saber técnico, afastados de nós mesmos”.

Sendo assim, foi considerado essencial que se investigasse não só como esta relação triangular: mulher – mãe - trabalho tem se configurado, quais os desafios que a atual sociedade impõe e quais as respostas que vem aparecendo frente a estas demandas, como também a percepção que estas mulheres possuem sobre a qualidade de suas relações, o que levam em conta em seus processos de decisão, assim como o que valorizam em seu cotidiano.

Pretendeu-se usar como abordagem teórica a Psicanálise, por oferecer uma compreensão profunda da dinâmica psíquica do ser humano. Em busca de embasar as reflexões acerca dos conflitos, também se abordou o conceito de gênero, por considerar-se o desenvolvimento como sendo relacional, situado no tempo e no espaço. Desta forma, levou-se em conta as relações de poder entre os homens, entre as mulheres e entre homens e mulheres, considerando-se também a historicidade.

A atualidade tem levado a uma necessidade de atualizações teóricas constantes, uma vez em que vivemos em uma sociedade onde as mudanças ocorrem rapidamente, tanto no nível social como no âmbito das relações pessoais. A presente pesquisa pretende contribuir, gerando dados e reflexões relativas a vários âmbitos de compreensão e intervenção da psicologia, tais como a promoção de saúde, psicoterapia individual e de casais, quando os conflitos entre maternidade e profissão contribuem para que as relações tornem-se disfuncionais e na medida em que o crescimento pessoal fique comprometido em função destes conflitos. Além disso, este estudo se configura em uma oportunidade para dar visibilidade à maternidade dentro das organizações, no sentido de diminuir o estresse envolvido na vida destas mulheres.

1. CAPÍTULO I - Maternidade

1.1. Ser mãe

Percebemos na contemporaneidade significativas mudanças nos papéis de homens e mulheres e no significado e desempenho da maternidade e da paternidade. No modelo tradicional, vigente aproximadamente do final do século XVIII até os anos 60 do século XX, existia a díade homem provedor – mulher cuidadora. Não havia simetria, mas divisão por gênero das atribuições consideradas masculinas e femininas. Desta maneira, as características necessárias ao espaço privado do lar foram atribuídas às mulheres como se fossem próprias delas, o que era justificado pela sua biologia, que lhes dá a possibilidade de gestar e a amamentar a prole.

Assim, a anatomia justificava e naturalizava o instinto materno como se gerar e cuidar fossem uma só coisa. Associou-se ao feminino a sensibilidade, delicadeza, emoção, expressividade, ternura, sensualidade, suavidade, o acolhimento, cuidado, como características da essência da mulher. Por outro lado, aos homens foram atribuídas as características necessárias ao espaço público do mundo do trabalho, ou seja: garra, força, velocidade, agressividade, objetividade, racionalidade, virilidade, competitividade, estabilidade, entre outras.

As transformações em vários âmbitos, ocorridas a partir da década de 60 do século XX, acarretaram uma mudança nessa divisão dos gêneros em esferas separadas e excludentes: a ocupação do espaço público pelas mulheres levou à necessidade da revisão dos papéis tradicionais de gênero e ao questionamento do instinto materno. Autoras como Badinter (1985), Muraro (1992), Chodorow (2002), questionaram a associação naturalizada do Feminino com maternidade e cuidado,

revelando que o amor mãe-filho é constituído na relação de cuidado, portanto, na maternagem.

Bowlby (1989) ressalta a capacidade do ser humano, enquanto espécie, para o cuidado. A maneira como este é exercido muda de acordo com a historicidade e o espaço em que ocorre. Na verdade a possibilidade de cuidado não é somente instintiva, garantido a sobrevivência da espécie, mas esse potencial é modulado pela cultura, pela história de vida e também pelo gênero, pois ainda percebemos as diferenças e desigualdades a ele associadas.

Focalizando o ciclo vital, as primeiras relações objetais são fundamentais para o “tornar-se mulher”. É a mãe, e não o pai, o primeiro objeto de amor da criança de ambos os sexos. Esta relação inicial da menina com a mãe é a base sobre a qual ela irá fundamentar todas suas posteriores relações objetais, embora haja sempre a possibilidade de transformação, reparação e reinvenção de si e das relações.

Para compreender os aspectos mais relevantes da maternidade e suas relações com a subjetividade da mulher, recorreremos primeiramente a Freud para, a seguir, apresentarmos as revisões mais atuais da Psicanálise com influência do feminismo dos anos 60-70 do século XX.

Freud (1905), ao estudar o desenvolvimento da sexualidade infantil, indicou que as manifestações sexuais nas crianças acontecem em sucessão temporal e seguem uma determinada ordem. Verificou que logo após o nascimento, na fase que denominou “primeira fase oral”, a criança já manifesta sua sexualidade através da boca e o prazer sexual que lhe corresponde é à sucção; o objeto desejado é o seio da mãe, ou seu substituto, a mamadeira. O bebê se satisfaz sugando o leite, se alimentando, sugando o dedo e a chupeta. Tanto nesta como nas demais fases, é

verificado que a criança procura sua satisfação sexual nos órgãos e zonas que possuem função importante de autoconservação, apesar de a busca de prazer não ser comandada, desde cedo, por esta função.

Na segunda fase oral a criança também busca prazer na boca, contudo manifesta-se mordendo e mastigando, deseja destruir com seus dentes todos os objetos com que se põe em contato. Já se verifica, na criança, um conflito de ambivalência, havendo tendências amorosas e agressivas em seu desejo de comer tanto os objetos como as pessoas ligadas a eles. Todos são vistos como alimento, a criança quer comê-los porque gosta deles e quer mastigá-los porque os odeia e os teme.

A zona erógena que substitui a oral é a anal e, portanto, a próxima fase é chamada por Freud de anal. Neste período, a criança já experimentou sensações prazerosas nesta área, por exemplo pelo ato de excreção e pelos cuidados higiênicos dispensados por sua mãe, mas somente no começo do seu terceiro ano é que irá concentrar seu prazer erótico principal nesta zona. Esta fase e suas sensações também são divididas em duas etapas: na primeira etapa anal predomina o prazer da expulsão e o produto desta é equiparado pelo inconsciente a um objeto querido. Observa-se, mais uma vez, uma situação ambivalente em relação ao objeto, pois ao mesmo tempo em que a criança quer reter suas fezes por estimá-las também quer expulsá-las, com intenções destrutivas, por odiá-las e temê-las. Já na segunda fase anal, o objeto é menos odiado do que na anterior e, deste modo, o prazer principal radica mais na retenção do que na expulsão hostil do objeto.

Ao finalizar o quarto ano, a criança entra na fase fálica, na qual ocorre a situação edípica. O papel do pai é fundamental, juntamente com a disposição da mãe em aceitar e evitar que a criança fique presa em suas teias, para que haja separação

do corpo da criança do corpo da mãe e assim, entre no Édipo, inaugure sua entrada num mundo mais amplo, prosseguindo sua trajetória psicosssexual.

Neste período, o menino valoriza por demais seu pênis e suas sensações prazerosas são acompanhadas de fantasias sexuais dirigidas à sua mãe, ou figuras que as substituam. A atração que sente por ela faz com que sinta ciúme do pai e deseje substituí-lo ou castrá-lo, ou seja, quer impedir que seu pai mantenha relações sexuais com sua mãe e eliminá-lo. Assim, o menino enfrenta um grande conflito, pois também gosta de seu pai, depende dele e teme que seja castigado e castrado por ele. É nesta época que o menino se dá conta da diferença de sexos, observa que a mulher não tem pênis e imagina que esta tenha sido castrada, mutilada e castigada por uma atividade genital proibida. O temor à castração é acentuado por tal descoberta e faz com que o menino renuncie a sua mãe, sua atividade de masturbação e fantasias proibidas, e também forme sua consciência sexual, seu “superego”.

Até aqui foi descrito o desenvolvimento sexual do menino. Durante os primeiros anos de vida, Freud considera que o comportamento sexual é idêntico para os dois sexos. Assim, a mulher enfrenta o mesmo processo descrito anteriormente, ou seja, passa pelas fases oral e anal e, somente depois, a menina se dá conta da diferença anatômica dos sexos.

De acordo com Freud (1932), na relação entre filha e pai restam presentes muitas características da relação inicial dela com a mãe:

“(...) a fase de ligação exclusiva com a mãe, que pode ser chamada de fase pré-edipiana, tem nas mulheres uma importância muito maior do que pode ter nos homens. Muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a esta fase.” (Freud, 1931, p.265)

Concomitantemente a descoberta das diferenças entre os sexos, na fase fálica a menina centra todo seu narcisismo e sua excitação sexual no prazer que sente por meio da estimulação do clitóris, assim como o menino do pênis. Suas atividades masturbatórias são acompanhadas por fantasias dirigidas a seu pai, fazendo-a entrar em um conflito com sua mãe. Quando, nesta época, percebe a existência de um órgão sexual tão diferente, sua primeira reação, de acordo com Freud, é ter inveja, se sente inferiorizada e espera que com o tempo cresça, se transformando em um pênis, e por outro lado, imagina que já teve um pênis e que o perdeu como castigo por suas brincadeiras sexuais. Imagina que as demais mulheres, inclusive sua mãe, têm pênis.

Nas meninas, diferentemente dos meninos, o complexo de Édipo se faz possível e é introduzido por meio do complexo de castração. Sendo assim, para elas falta um motivo forte para que destruam o complexo de Édipo, renunciando a seu vínculo incestuoso com seu pai e formando sua consciência moral (seu superego), uma vez que a castração já teve seu efeito, que foi justamente o de colocá-la na situação edípica. A menina fica ligada ao pai enquanto espera receber dele o pênis almejado, depois transforma este desejo em receber, como presente do pai, um bebê. Com o tempo, ela dá-se conta de que o pai não pode satisfazer seus desejos, desilude-se e afasta-se dele pouco a pouco, ficando livre para eleger outro objeto. Outra possibilidade é ela reprimir seu desejo, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres.

Ao final dos cinco anos, ocorre na vida das crianças de ambos os sexos uma etapa que Freud denominou de período de latência, na qual supõe que a criança já tenha reprimido a maior parte de sua sexualidade infantil, se identificado com o progenitor do mesmo sexo que o seu, se tornado educável e se utilize de suas forças instintivas de modo a garantir conhecimento.

Para a menina, esta fase termina prosseguindo para a próxima etapa, a puberdade, a partir de sua primeira menstruação; esta é acompanhada de diversas transformações que provocam uma intensa excitação sexual, fazendo-a reviver sua sexualidade infantil. Inclusive os objetos inconscientes presentes neste período são os mesmos de sua primeira infância e o clitóris continua a ser visto como uma zona de excitação sexual. Somente aos poucos é que, em algumas mulheres, a vagina também passa a ter esta função, fazendo com que a mulher reviva suas sensações de prazer de origem receptiva anal e oral.

De acordo com Freud (1932), para cumprir um desenvolvimento normal, a menina terá que superar três mudanças importantes em sua estrutura libidinosa, as quais se realizam parte na fase fálica e em parte só na puberdade: deverá abandonar seu primeiro objeto de amor, a mãe, pelo seu pai, deslocar grande parte da excitabilidade do clitóris, sua principal zona genital, em prol da vagina e transformar seus fins sexuais ativos em passivos.

Como já discutido, as vivências da primeira infância são fundamentais para que a menina consiga chegar até essas mudanças. Freud (1932) destaca que muitas mulheres fracassam nessa evolução, na qual é preciso passar por diversos processos complicados de desenvolvimento, pois é somente após a puberdade que a mulher chega à posição feminina. No mesmo sentido, é a sua primeira relação amorosa, com sua mãe, que determina sua capacidade de se identificar com ela mais tarde e, ainda, é possível dizer que se sua mãe for boa e caso essa menina consiga se identificar com ela, no futuro terá boas chances de ser uma boa mãe para seus filhos e uma boa esposa para seu marido.

Contudo, ao expor sua teoria, Freud disse por diversas vezes que não sabia muito a respeito das mulheres, revelando que não as compreendia. Em “A dissolução do Complexo de Édipo”, Freud (1924) diz: “Deve-se admitir, contudo, que nossa compreensão interna (insight) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago” (p.224).

Assim, o processo descrito por Freud foi revisitado por autores que também se ocuparam da Psicologia Feminina sob a perspectiva da Psicanálise, como Dolto (1984), Erikson (1976) e Chodorow (2002), que faz um questionamento dos pressupostos freudianos a partir da influência do feminismo.

Chodorow concorda com Freud que os aspectos decisivos da identidade de gênero surgem da crise edípica, entretanto critica sua teoria: “devemos aparar os excessos freudianos” (p.181), acusando a omissão, o preconceito sexista e a deturpação da realidade presentes em alguns de seus escritos. Entre outros aspectos, a autora diz que as considerações anatômicas descritas por Freud se referem meramente a diferenças, a relações de superioridade e inferioridade.

“Esses pressupostos da primazia da masculinidade deturpam a teoria freudiana do gênero e da vida psicológica feminina, sobretudo ao desmerecer tudo o que esteja associado com maternidade, e recusando-se a admitir que desejos de ser mãe podem revelar-se de outras maneiras que não a conversão da inveja do pênis e o desejo da menina de ser masculina” (Chodorow, 2002, p.187)

Desta forma, Chodorow considera que a psicanálise não desenvolveu uma teoria adequada para explicar a reprodução da maternação, devido ao pressuposto finalista de que anatomia é destino, à noção de que é a identificação subsequente da

menina com sua mãe que a faz ser a principal cuidadora, além de outras considerações, como a qualidade de fêmea das meninas.

A autora reinterpreta o enfoque psicanalítico do desenvolvimento masculino e feminino, e apresenta uma teoria desenvolvimental da reprodução da maternagem das mulheres: ela nega que tal processo seja um produto imediato da fisiologia e afirma que a mulher materna porque foi maternada por uma mulher; isto é, por terem sido cuidadas por uma mulher, as mulheres são mais propensas a buscar serem mães, a se reposicionar num relacionamento primário mãe-filho, a obter satisfação em maternar, além de desenvolver capacidades psicológicas e relacionais para a maternagem. No caso dos homens, considera que suas capacidades de cuidar de crianças ficam prejudicadas exatamente por terem sido maternados por mulheres.

Como é a mulher quem materna, a primeira experiência e o primeiro relacionamento pré-edípico é diferente em meninas e meninos e a reprodução da maternagem é realizada por meio de diferentes experiências relacionais objetais e diferentes ocorrências psíquicas em mulheres e homens. As meninas desenvolvem maior interesse e senso de envolvimento em questões da infância em relação com sua mãe do que os meninos, os quais são primitivamente tratados como opostos por sua mãe, se sentindo conseqüentemente mais separados e distintos dos outros.

“Seu apego conserva portanto mais aspectos pré-edípicos. A maior extensão e a natureza diferente de sua experiência pré-edípica, e sua continuada preocupação com as questões desse período significam que o senso do eu das mulheres é contínuo com os outros e que elas conservam capacidades para identificação primária, que lhes permite vivenciar a empatia e a falta do senso de realidade necessárias para uma criança bem cuidada” (Chodorow, 2002, p.257).

De acordo com Chodorow (2002), é de uma maternagem satisfatória que decorre o desejo de ser mãe, ou seja, a capacidade de uma mulher maternar outro ser se deve ao fato de ter sido maternada por outra mulher. O(a) filho(a), para o inconsciente, pode significar a oportunidade de atualizar sua vivência de feminilidade, pode introduzir a mãe ao real do seu corpo e pode fazê-la reviver suas relações geracionais com a sua própria mãe e avó, recordando (ou não) seu lugar de filha e de neta que, na ocasião, é de mãe e mulher.

A autora ainda diz que as mulheres se definem e se vivenciam relacionalmente e sua orientação heterossexual, diferentemente dos homens, é triangular, havendo a participação de uma terceira pessoa, um(a) filho(a), para seu amadurecimento estrutural e emocional.

Bowlby (1989), contrastando com a teoria da libido, conceitua o comportamento de cuidado, assim como o comportamento sexual, de apego, entre outros, como pertencente a uma classe limitada de tipos de comportamentos de raízes biológicas, cada qual contribuindo de acordo com sua maneira para a sobrevivência do indivíduo e de seus descendentes e servindo à sua própria função biológica - proteção, reprodução, nutrição, conhecimento do meio ambiente.

“o comportamento de cuidados, nos seres humanos não é, certamente, produto de alguns instintos paternos invariáveis, mas também não é correto considerá-lo um mero produto de aprendizagem. O comportamento de cuidados, como eu o vejo, tem fortes raízes biológicas, o que explica as emoções muito fortes a ele associadas; mas a forma específica que o comportamento torna em cada um de nós é modificada pela nossa experiência – especialmente durante a infância, adolescência, antes e durante o casamento, e com cada criança” (Bowlby, p.20)

A partir da análise dos resultados de diversos estudos sobre crianças cuidadas pelos pais, Bowlby (1989) sugere que o pai, sendo a figura de apego para uma criança, pode preencher um papel semelhante ao preenchido pela mãe, apesar de não ser comum na maioria das culturas. Portanto, cuidado não é específico da mulher, mas pode ser exercido por qualquer um dos dois, ou compartilhado por ambos.

As transformações em vários âmbitos (econômico, político, social, racial, etc) ocorridas entre os anos 60 e 70 do século XX, permitiram que as mulheres entrassem em massa no mercado de trabalho. Modificou-se o equilíbrio entre o âmbito público e o privado que havia anteriormente. Atribuía-se às mulheres as características necessárias ao âmbito privado, como doçura, expressividade emocional, sensibilidade, acolhimento, como se fossem próprias da essência feminina. Já aos homens eram associadas a força, competitividade, objetividade, necessárias ao mundo do trabalho, justificadas por sua naturalização. Homens e mulheres eram, assim, opostos e complementares. Com o questionamento desse “equilíbrio”, que os privava de aspectos importantes do si-mesmo, e demanda por direitos iguais, a simetria passou a ser valorizada nas relações de troca. Todos, homens e mulheres, poderiam desenvolver-se nas questões relativas ao cuidado, à intimidade, como também investir na própria individualidade.

O advento da pílula anticoncepcional permitiu a escolha entre ter ou não filhos, tornando a maternidade uma opção e não mais o único destino. Optar passou a ser um exercício de autonomia e esta escolha não se efetua apenas através da racionalidade, pois sempre envolve outros determinantes. Portanto, quando uma mulher deseja ter um filho, faz uma escolha consciente e, de acordo com a psicanálise, este desejo é também permeado de significações inconscientes. Assim

sendo, cabe ressaltar que, do ponto de vista psicanalítico, não existe “filho gerado por acidente” ou “gravidez indesejada”, existem desejos inconscientes.

Cavalheiro (2005) investigou a interferência da representação que as mulheres têm de sua condição de filhas na sua representação de maternidade. Verificou que o significado da maternidade se apresentou de maneira diferente para cada uma de suas entrevistadas. Segundo a autora,

“o desejo de maternidade é uma mistura de muitos desejos, sonhos, anseios; conscientes ou não, relacionados não só com a experiência de ter sido filha, mas com a experiência de ser mulher que cada uma viveu durante estes anos de sua existência e com a possibilidade de fazer esta experiência mais completa e satisfatória” (Cavalheiro, 2005, p.61).

É notável como a relação mãe-filha é complexa e ambivalente e como influencia o desejo desta filha em ter ou não um filho e a qualidade da maternagem. Este fato, em conjunto com os aspectos relativos ao advento da modernidade, é motivo de muito sofrimento, renúncia, e também de alegrias e satisfações, além de indicar inúmeras possibilidades de estruturação do desejo e escolha.

Hime (1987) estudou a percepção de maternidade em jovens que passavam pelo processo de definição da identidade e concluiu que a despeito delas desejarem ter uma profissão, a maternidade era o projeto de vida para a grande maioria.

Portanto, conclui-se que hoje buscamos fazer escolhas desenvolvendo o agenciamento, mas padrões arcaicos continuam se manifestando, embora a força das transformações seja intensa. Assim, vemos a superposição de valores, normas, regras arcaicas e modernas como aponta Figueira (1987). Nas contradições relativas à maternidade; ainda hoje a mulher que opta por não ser mãe e prioriza a relação

conjugal e/ou o trabalho é vista por muitas pessoas como “anti-natural” e frustrada. Recebe o peso do social e também, quando o desejo de continuidade da família é frustrado, pressão familiar, que se manifesta objetivamente e também por meio das identificações.

No próximo capítulo, focalizaremos algumas das demandas significativas que recaem sobre a mulher no atual contexto e suas possibilidades de administrá-las. As vertentes centrais são a maternidade, o trabalho e os sentidos a estes atribuídos, que podem gerar questionamentos, conflitos e resoluções que promovam ou não o crescimento pessoal e das suas relações.

1.2. Ser mulher na contemporaneidade

Para as jovens e adolescentes dos anos 60-70 do século XX, ser mãe significava, em conformidade com as expectativas do próprio momento histórico, a aspiração ideal da maioria das mulheres, as quais tinham todas as fantasias concentradas em suas relações conjugais e na educação de sua prole: tinham internalizado o modelo hierárquico característico da relação de seus pais.

Diferentemente do modelo anterior, depois do questionamento dos valores e normas tradicionais realizados pelos movimentos libertários da contracultura, a jovem moderna possui uma rede enorme de possibilidades de escolha para seu futuro: “A feminilidade se expressa tanto pelo papel de cuidadora que atua no domínio privado, quanto de empresária que se afirma e é reconhecida no âmbito público e por várias composições entre a autonomia e a relação com o outro” (Hime, 2004, p. 132).

Acontece que existe um problema que se instaura, cedo ou tarde, na vida das mulheres e diz respeito à escolha entre se dedicar a viver como antigamente,

dedicando-se somente ao espaço privado, ou à carreira desejada, ou experimentar uma composição entre ambas as possibilidades. Está certo que, nos dias de hoje, uma opção não significa a renúncia da outra, mas cada uma delas tende a limitar o tempo e espaço de atuação da mulher na outra.

Quando a mulher não precisa ou não quer trabalhar e deseja ser mãe poderá optar por viver uma vida relativamente semelhante aos tempos passados. O trabalho que esta mulher dona-de-casa desempenha possui hoje uma conotação pouco valorizada em nossa sociedade, fazendo com que freqüentemente se sinta infeliz por não ganhar seu próprio dinheiro, não contribuindo assim ao sustento da casa e não tendo autonomia, não só econômica, mas também em relação a seu direito de fazer escolhas e comprometer-se com elas. Esta mulher também teme, pois sabe que chegará o momento em que seus filhos ficarão independentes, sairão de suas casas e terão seus próprios filhos, deixando-a com menos ocupação e mais sozinha, além de sentir-se desapropriada da principal definição de si, o “ser mãe”.

Ser mãe amplia a rede de papéis da mulher, a qual além dos outros papéis adquiridos durante sua vida, como o de filha e neta, passa a exercer mais um papel, ou seja, na relação com seu(s) filho(s), a mulher passa a ser vista de modo diferente e também se transforma, não só fisicamente, como em seu interior. Mãe significa a representação humana da criatividade, o próprio símbolo da fecundidade humana: “o aparecimento de leite nos seios, (...), assinala a transformação da jovem em fonte mediadora de vida” (Dolto, 1984, p.108).

Também indica para a mulher a possibilidade de reviver sua experiência de ter sido filha, se trata de uma revisão das relações geracionais com a avó e com a própria mãe. Ao ser mãe, a mulher se remete a seus próprios processos enquanto filha, revive

a relação inicial com sua própria mãe, da qual, como já discutido anteriormente, influencia sua capacidade de se tornar mãe e maternar.

Com a crescente entrada das mulheres no mercado de trabalho, elas ampliaram a possibilidade de sucesso e satisfação para além da maternidade, ou seja, se tornou possível obtê-los também na esfera profissional. Por outro lado, os papéis tradicionais de mãe e esposa se configuraram em tarefas mais difíceis de serem desempenhadas com sucesso quando se compõem com a vida profissional, ou seja, ao mesmo tempo em que a carreira lhes fornece novas possibilidades de papéis sociais, parece também ameaçar sua capacidade de boa cuidadora.

Isto porque os deveres e responsabilidades de uma mãe que trabalha não são diferentes daquelas de uma mãe que não trabalha. Este acúmulo de funções é o motivo pelo qual algumas mulheres renunciam a ser mães, optando por não ter filhos, em prol de sua carreira profissional. Segundo Hime (2004): “a mulher solteira não é mais “a que ficou para a tia”, a “solteirona” que ninguém quis, mas uma pessoa que pode se sentir realizada no nível pessoal, afetivo e sexual” (p.132).

A mulher mãe-esposa-profissional continua tendo que desempenhar suas funções tradicionais, de dedicar-se aos filhos, casa, marido, ao seu próprio corpo, e ainda deve cumprir um horário de trabalho igual ao do homem, o que inclui a competitividade e pressão. Meirelles (2001) afirma que embora os homens incentivem a participação de suas mulheres no domínio público, não as isentaram de suas responsabilidades pelo cuidado com a casa e filhos, também considerado por elas como central em suas identidades.

Segundo Spindola e Santos (2004), conciliar essas duas tarefas é difícil tanto emocional como fisicamente. Neste contexto, a sensação de culpa é constante e se

fundamenta em um conflito que permeia suas relações no trabalho e seus deveres para com sua família, fruto do mito do amor materno no qual a mulher deveria instintivamente cuidar e amar seus filhos e marido (Badinter, 1985).

A ansiedade e inquietação geradas por este sentimento fazem com que as mulheres não consigam dar a devida atenção nem para casa e filhos nem para seu desenvolvimento profissional, como discutido por Spindola e Santos (2004). Para tanto, se torna indispensável a presença de uma infra-estrutura familiar que a ajude na sua posição na vida profissional. Segundo Sarti (1997) citado por Spindola e Santos (2003), para isso a mulher lançou mão de aparatos sociais, como creches, e equipamentos para auxiliar na rotina doméstica como máquinas de lavar roupa e louça, alimentos congelados, freezer e outros.

Pesquisas como as realizadas por Almeida (2007) e Caixeta & Barbato (2004) Leone & Baltar (2008) Marri & Wajnman (2007) chamam atenção para o fato de que os papéis de mãe e de trabalhadora poderiam ter diferentes implicações dependendo da classe econômica, da faixa etária, do lugar de origem e etc. O que pode influir tanto de forma positiva quanto negativa na auto-percepção da mulher, devido às construções sociais e históricas relacionadas, como destacado por Possate e Dias (2002), e também aos aspectos psicológicos da mulher. Mulheres pertencentes a classes econômicas menos favorecidas tendem a ver o trabalho como uma necessidade e muitas vezes como um fardo, devido às exigências da dupla jornada que exercem, em casa e no trabalho e que influiriam, portanto, de maneira negativa; Losada (2007) constata em sua pesquisa que mulheres pertencentes a classes mais favorecidas tenderiam a tomar o trabalho como uma opção e forma de realização pessoal, contribuindo de maneira positiva.

Por outro lado Meirelles afirma que:

“Se o tempo que julgam dedicar para si mesmas é considerado o tempo à carreira, as mulheres parecem satisfeitas, pois conseguem coordenar tudo, incluindo a satisfação pessoal, profissional e conjugal nessa vida considerada pela literatura e por elas mesmas, como agitada e estafante” (Meirelles, 2001, p. 120)

Meirelles (2001) diz que o feminino se tornou superlativo na medida em que as mulheres conseguiram transpor barreiras e conciliar casamento com carreira. A maternidade, assim, não é deixada de lado, mas sim desejada. Mas não se pode deixar de considerar que uma vez que as mulheres não se dedicam unicamente aos seus filhos e a sua casa, dirigindo-se para a autonomia e independência, estas deixam de receber os cuidados maternos em tempo integral.

Hoje em dia mulheres e homens buscam desenvolver-se nas relações e também na individualidade. São vertentes que se entrecruzam muitas vezes em conflito, outras em harmonia. O trabalho tem papel importante na afirmação da individualidade e é dele que trataremos no capítulo seguinte.

2. CAPÍTULO II – Trabalho feminino

Desde o século XVII, a partir da ação política do movimento feminista, as mulheres vêm tentando por meio do trabalho ser iguais aos homens perante a lei. Durante a primeira e a segunda Guerra Mundial, elas tiveram que assumir os negócios de suas famílias e as posições de seus maridos no mercado de trabalho.

Com a consolidação do sistema capitalista e com o avanço tecnológico, as mulheres conquistaram maior possibilidade de atuação no mercado de trabalho, especialmente nas fábricas.

Mesmo com algumas conquistas referentes às leis que beneficiaram às mulheres, como a igualdade de salário e a licença maternidade, algumas formas de produção perduraram, como as diferenças salariais entre homem e mulher.

O trabalho que antes era associado à sobrevivência, com o passar do tempo e conforme as formas de produção foram se tornando mais complexas, assumiu contornos distintos e permaneceu definindo as relações homem e mulher. Na sociedade moderna e capitalista, além do significado econômico, o trabalho passou a se associar à identidade do indivíduo, envolvendo conhecimentos variados, e aspectos como dinheiro, tempo, independência, ocupação, dignidade, responsabilidade, disponibilidade horária, comprometimento, entre outros, afetando os valores das pessoas, auto-percepção, orientação da realidade social e o próprio funcionamento intelectual. Através dele, o indivíduo se insere na cultura, aspira-se o ganho financeiro, o qual proporciona a própria sobrevivência e da família do trabalhador (Meirelles, 2001, p.8).

Meirelles (2001) apresenta diversas definições do conceito de carreira realizadas por alguns autores e discute a complexidade desta tarefa, já que é um termo do nosso cotidiano, além de ter vários significados agregados. A autora afirma que a carreira colabora para a realização do indivíduo, intermedia seus diversos papéis perante a sociedade, o auxilia a atingir o reconhecimento do grupo e a realização pessoal. Sofre influência das fases do ciclo vital, da família, das demandas da globalização e do mercado; a carreira atravessa mudanças, as quais podem ser determinadas por vários eventos como casamento, nascimento de filhos, entre outros, e envolve uma série contínua de escolhas durante a vida. Não pode, portanto, ser considerado como fenômeno isolado na vida do indivíduo.

Levinson (1996) chama de “mulheres de carreira” aquelas que optam por uma vida profissional mais especializada, com maior exigência de qualificações, que estão presentes no sistema ocupacional masculino de maior *status* e transformaram o trabalho no componente principal da estrutura de suas vidas. Nestes casos, Meirelles (2001) afirma que a carreira favorece a construção de uma identidade diferente das donas de casa, outros tipos de dúvidas e tensões relacionadas à necessidade que sentem de manterem seus casamentos e cuidarem de suas famílias.

Ao discutir o estado atual da divisão sexual do trabalho na família no Brasil, Bila Sorj (2004) elenca algumas mudanças culturais e estruturais que afetaram o modelo dicotômico homem-provedor, mulher-responsável pela vida privada, como: a vontade das próprias mulheres em conquistar novos espaços de autonomia e desenvolvimento pessoal, a emergência de um senso de justiça que valoriza a igualdade de gênero, o processo de urbanização, aumento da participação feminina no mercado de trabalho, avanço da escolaridade feminina e queda da fecundidade.

Assim, depois de ter vencido diversos obstáculos, após ter conquistado o direito ao voto, de ter sido considerada incapaz, de ter sido submissa, de não ser remunerada por seu trabalho, de se submeter ao pagamento desigual de salários, entre outros acontecimentos, ocorreram mudanças nas representações e práticas familiares; as mulheres foram conquistando espaço de atuação fora de casa, começaram a se instrumentalizar, estudar, freqüentar cursos profissionalizantes e de nível superior. Hoje as mulheres atuam nas mais variadas áreas, sendo que o número das que ocupam cargos de prestígio tem crescido.

Entretanto, segundo o boletim Mulher & Trabalho no. 21 da Fundação Seade, a entrada massiva da mulher no mercado de trabalho não diminui as diferenças entre os empregos femininos e masculinos, além disso, em relação à qualidade de emprego e ao nível de remuneração a inserção produtiva das mulheres continua em desvantagem, mesmo entre as assalariadas mais escolarizadas.

Contudo, segundo Sorj (2004, p.108):

“(...) as obrigações domésticas impõem limites às oportunidades de trabalho oferecidas às mulheres no mercado de trabalho, cujas atividades se caracterizam por carreiras descontínuas, salários mais baixos e jornadas em tempo parcial.”

A autora ainda acrescenta a estes fatores a constatação de que as conseqüências que os empregos de menor qualidade trazem em favor da manutenção de suas identidades domésticas, ou seja, ao se deparar com tantos obstáculos, algumas mulheres optam por investimentos na esfera privada, principalmente quando as condições de vida das famílias não são significativamente melhoradas pela renda que as mulheres aportam.

Sobre as desvantagens que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho, Meirelles (2001) aborda a questão de que a emergência da carreira feminina se deu nos moldes masculinos, não incluindo, por exemplo, horários flexíveis. O número de empresas que propiciam estrutura de apoio a essas mulheres e que tenham uma filosofia que contemple aos dois sexos a possibilidade de cuidados com os filhos é ainda pouco significativo.

O objetivo do estudo de Sorj foi explorar se a participação diferenciada de mulheres no mercado de trabalho implica representações e práticas familiares distintas, e a base para sua análise foram os resultados da pesquisa de opinião pública: “A mulher brasileira nos espaços público e privado”, realizada pela Fundação Perseu Abramo em 2001. Entre outras questões, Bila Sorj afirma que o mercado de trabalho brasileiro não atende às expectativas laborais femininas, uma vez que o percentual de mulheres que priorizavam a participação no mercado de trabalho foi superior ao de mulheres que efetivamente exerciam trabalho remunerado. Sobre a divisão sexual das responsabilidades, constatou que as mulheres entrevistadas tiveram tanto percepções de valores igualitaristas como de admissão da divisão tradicional de papéis sexuais, sendo que o primeiro possui mais representatividade no setor formal e o segundo no setor informal¹.

Sobre a divisão das tarefas domésticas, em 96% dos domicílios pesquisados as mulheres eram as responsáveis; a participação dos homens, quando presente, se

¹ Bila Sorj (2004) assume como setor formal aquela inserção indicadora de melhor qualidade laboral, empregos com melhores salários, que exigem níveis de escolaridade maiores, e que são mais protegidos pelos benefícios da legislação trabalhista. Em contrapartida, no setor informal se encontram as mulheres cujas inserções são de pior qualidade, como por exemplo, as mulheres que trabalham como autônomas, que não contribuem para a Previdência, assalariadas sem carteira assinada e ‘trabalhadoras rurais.

mostrou limitada a uma ajuda pontual e também seletiva, na medida em que foram mais expressivos em atividades que envolviam interação, como o cuidado com os filhos, ou seja, mesmo quando as mulheres indicaram alguma ajuda de seus maridos, afirmaram continuar sendo elas as responsáveis principais pela gestão da organização doméstica, pelas atividades que implicam trabalhos manuais, rotineiros e solitários. Este indicador também se diferenciou entre as mulheres que trabalham no setor formal e as do setor informal, apontando que a inserção ocupacional da mulher afeta a dedicação dos parceiros às tarefas domésticas, através do que é possível sugerir que quando o trabalho remunerado da mulher permite alcançar maior *status* social e melhor nível de vida da família, a capacidade de negociação destas é fortalecida e a disposição de seus maridos para as atividades domésticas é aumentada.

Sorj (2004) também pôde mostrar que “quanto maior a escolaridade das mulheres casadas, mais elas estão dispostas a ter uma profissão e dedicar-se menos à família, tanto para as que estão no setor formal como para as que estão no informal” (p.114).

Ainda sobre a pesquisa: “A mulher brasileira nos espaços público e privado”, Tatau Godinho (2004) afirma que a avaliação feita sobre as mudanças da situação das mulheres foi bastante positiva, o que inclui a oportunidade de entrada no mercado de trabalho, independência econômica, liberdade e independência pessoal das entrevistadas. Aproximadamente um terço das mulheres disse preferir dedicar-se à família e ao trabalho doméstico, deixando a profissão e o trabalho fora de casa para um segundo plano.

Godinho também mostra que um problema da sociedade brasileira, o principal segundo ela, se refere ao direito ao trabalho, ao emprego, ao salário e boas

condições de trabalho. Considera que apesar de ter identificado uma expressão positiva das mulheres, ainda é possível notar a presença de papéis e referências tradicionais de gênero, o que, de acordo com a autora, denuncia a força das relações desiguais ainda presentes, ou seja, das estruturas da dominação de gênero. Entre outros exemplos, destaca o acúmulo de responsabilidade com o trabalho doméstico e vida familiar e desigualdades no âmbito do trabalho.

Segundo Meirelles (2001), quando as mulheres buscam uma carreira e dirigem-se para a autonomia e independência, o cuidado parece ficar ameaçado. São acenadas a elas novas possibilidades de papéis sociais, delineando-se um outro perfil para o qual não foram ensinadas. A partir desta colocação, a autora afirma que é possível entender o motivo pelo qual Levinson (2006) considera que a carreira na vida das mulheres é parte co-central da estrutura de suas vidas, vindo após o amor, casamento e família.

Apesar disso, de acordo com a autora, surgiram novas demandas, ansiedades e necessidades à suas vidas pessoais, propiciadas pelo desenvolvimento na carreira. Além de propiciarem espaço na sociedade,

“transcendendo a produção ou a ocupação para gerar renda, implicando cada vez mais em conhecimentos, com a aquisição contínua por parte dos indivíduos de mais habilidades, através de especializações, passando por etapas e assumindo funções profissionais mais complexas, aumentando seu valor não somente nas organizações e no mercado garantindo sua empregabilidade, mas também, em termos de auto-reconhecimento e ascensão social, entre outros.” (Meirelles, 2001, p.26)

Maternidade? Conjugalidade? Trabalho? Carreira? Conciliar expectativas e necessidades de realização em todos estes âmbitos – e mais alguns como vida social,

lazer, cuidado consigo – são demandas difíceis de conciliar, principalmente na contemporaneidade que é marcada por uma aceleração grande de suas transformações, nem sempre acompanhada pelas mudanças na subjetividade.

3. Método

O objetivo deste trabalho foi compreender como as mulheres contemporâneas significam seus vínculos familiares e profissionais, assim como os desafios, possibilidades e alternativas que percebem em seus cotidianos de mulheres mães trabalhadoras.

O modelo de pesquisa adequado foi o estudo descritivo qualitativo, no qual o foco de atenção é a construção de significados por parte dos sujeitos, suas vidas e como as percebem (Ludke e André, 1986). Com o seu uso, esperou-se a obtenção ampla das informações e de seus significados, além de favorecer a descrição das realidades vividas.

Com o objetivo de compreender o fenômeno e processos envolvidos, a partir do ponto de vista do sujeito, as situações, ações e interações complexas, foram analisadas em seus contextos (Moon, 1990). Essa forma permitiu uma melhor reflexão sobre os comportamentos humanos, considerando seus significados e intenções (Guba e Lincoln, 1994). Portanto, este trabalho se caracterizou como uma pesquisa clínica, apesar de não se tratar de uma população clínica, por consistir num processo de conhecimento dos significados que o indivíduo atribui a suas crenças e valores, visando construir os fatos psicológicos dos quais ele é fonte em uma estrutura inteligível.

3.1. Participantes

Fez parte da pesquisa uma mulher trabalhadora, casada, com um filho com um filho de 1 ano e 4 meses de idade, pertencente à classe média e residente na cidade de São Paulo, por ser formadora de opinião.

3.2. Instrumento

O instrumento de pesquisa utilizado foi a história de vida, ou autobiografia. Segundo Levinson (1978) “o objetivo básico da autobiografia é apresentar uma vida individual à medida que se desenrola através dos anos” (pp. 15, 16).

Através do uso da autobiografia foi possível obter informações acerca da experiência social, da ideologia e da subjetividade, o que beneficiou o estudo no que diz respeito ao indivíduo e à sociedade, por haver uma recursividade entre estes dois níveis de experiência; combina aspectos de uma entrevista de pesquisa, entrevista clínica e uma conversa entre amigos.

Também no sentido de favorecer a fluidez e aprofundamento das informações de como foi a vivência das experiências, seus significados e imagens do uso de recursos, antes da autobiografia, foi solicitado que a participante organizasse os principais eventos de sua vida segundo uma linha do tempo, na qual deveria colocar as vivências mais significativas de sua vida, em ordem cronológica.

3.3. Procedimentos

A indicação da participante foi feito por intermédio de amigos e familiares. O primeiro contato foi realizado por meio do telefone, quando foi explicado o motivo pelos quais ela estava sendo convidada a participar da pesquisa. O local, data e horário foi designado por ela, sendo garantidos a privacidade e o sigilo. O registro dos relatos foi realizado através da utilização do gravador – após o consentimento e assinatura do termo em anexo.

O encontro ocorreu em espaço reservado conforme a conveniência da participante, momento em que se procurou criar condições necessárias para que não se sentisse ameaçada e que as informações pudessem emergir de maneira tranqüila.

Após breve explanação a respeito do objeto deste estudo, do sigilo e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, procurou-se obter algumas informações básicas, tais como idade, profissão, formação, tempo de casada, número de filhos e idade dele. Neste momento, como aquecimento para a autobiografia, foi solicitado à participante que fizesse uma linha da vida, marcando os fatos e pessoas mais relevantes no curso de sua vida. Em seguida, pediu-se que ela contasse a história de sua vida, da maneira como quisesse. A pesquisadora fez intervenções no sentido de certificar-se de sua compreensão acerca do relato da entrevistada, para esclarecer pontos que pudessem não estar claros, como também aprofundar aspectos relativos ao tema da pesquisa, ou seja, a vivência e atribuição de significados à maternidade e ao trabalho. Assim, a narrativa foi co-construída entre pesquisadora e participante.

Antes de encerrar o encontro, a pesquisadora procurou dar continência aos sentimentos e idéias presentes, pois a atividade pode mobilizar conteúdos afetivos. Colocou-se disponível para responder a perguntas, curiosidades e comentários. O cuidado com a exposição da participante foi constante.

3.4. Procedimento para análise dos resultados

A autobiografia foi gravada com a permissão da participante e transcrita na íntegra. Também foram considerados os comportamentos não verbais, assim como as reflexões e sensações da pesquisadora, a qual fez inúmeras leituras e sínteses, a fim de obter um relato condensado que ao mesmo tempo contivesse as informações mais

significativas. Ainda identificou-se temas a respeito dos tópicos sob investigação. Como afirma Bardin (1979, p.105) "o tema é uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto" ou "um feixe de relações (que) pode ser graficamente apresentado através de uma palavra, uma frase, um resumo" (Minayo, 1998, p.208).

Estes temas foram analisados e discutidos à luz do conhecimento obtido na revisão da literatura, que consta, dos capítulos teóricos.

3.5. Considerações éticas

As questões éticas receberam destaque na presente pesquisa, pois esta envolveu um alto grau de intimidade. Foi orientada pelas normas previstas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96): houve a garantia de sigilo profissional pelo comprometimento de não revelar a identidade da participante, bem como a utilização dos registros obtidos apenas no âmbito acadêmico. O termo de consentimento livre e esclarecido consta no anexo a.

Ocorreu atenção e cuidado com a carga emocional que pudesse ser mobilizada no encontro. Colocamo-nos à disposição para outros contatos que possam ser necessários para a elaboração das vivências relatadas, de forma a garantir a beneficiência.

4. Resultados

*“... Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida ...”
Milton Nascimento*

Andréia é uma mulher de 33 anos que possui um filho, Caio, de um ano e quatro meses, é gerente de vendas e possui 2º grau completo. É casada com Gilberto, que tem 32 anos, é segurança e possui 2º grau completo. Sua mãe tem 63 anos, possui 1º grau completo e é copeira. Seu pai é falecido, tinha 1º grau completo e era motorista de ônibus e caminhão. Possui 4 irmãos, sendo que todos possuem 2º grau completo e mais velho e único homem tem 38 anos, é motorista de cargas e é casado. As 2 irmãs mais velhas, de 38 e 31 anos, são casadas e “do lar”(sic). Sua irmã mais nova tem 26 anos, é solteira e estudante.

Depois de ter assinado o termo de consentimento livre e esclarecido e ter informado dados básicos, foi solicitado que Andréia fizesse uma linha do tempo, que contemplasse os momentos mais importantes, que achasse que a marcaram. Primeiramente, a entrevistada fez um desenho de sua família, em um cenário contendo árvore, flor, casa, sol, nuvem e grama (anexo c). Assim que terminou, olhou para o desenho e disse que não havia feito o que a entrevistadora lhe havia solicitado. Então pediu que fizesse a linha do tempo, onde ela escreveu: superação, sucesso, trabalho, respectivamente (anexo b).

Em seguida, a entrevistadora pediu que Andréia contasse sua história de vida da maneira como quisesse. Seu relato foi iniciado com sua vinda para São Paulo:

“Eu vim para cá para São Paulo eu tinha 10 anos, foi quando meu pai faleceu e... eu vim morar com a minha tia para mim estudar porque minha mãe ficou viúva, aí eu vim para cá, para minha tia me ajudar porque ela tinha condições melhores. E aqui eu vim, morei com ela 20 anos, depois não estava mais dando certo aí eu fui morar sozinha, uma parte mais complicada, mais difícil que é muito, você fica naquela: vou não vou e se não der certo como que eu vou fazer, vou ter que voltar e tudo, mas aí eu já trabalhava, já conseguia me sustentar sozinha e aí eu fui morar sozinha. Quando eu fui morar sozinha, eu já conhecia meu esposo que era meu namorado na época...(risos)... e depois de 5 anos que eu morei sozinha aí a gente resolveu juntar né, a gente nem casou, depois de 3 anos que a gente estava junto, casado, aí eu engravidei, tive tenho o meu bebê agora, ele tem 1 ano e 4 meses tudo e assim é um, como que eu posso te dizer, é um momento assim de muita superação, muito difícil da minha vida, que eu perdi meu pai aí vim para cá tudo, mas assim é uma coisa que eu superei, eu conseguia me sustentar sozinha, tive o meu filho quando eu realmente quis e assim, sou casada sou feliz tenho um bebezinho, um bebê lindo e que é assim muito difícil conciliar trabalho com marido com casa, eu trabalho das 9 e meia às 7 e meia e ainda tenho que chegar em casa e cuidar do marido, fazer janta, tenho que cuidar do filho, e você tem que ter aquele cuidado, né?, porque você passa o dia inteiro fora de casa, aí o filho fica o dia inteiro sem te ver, aí fica aquela, você chega e às vezes ele quer fazer tudo o que ele quer e às vezes por nem assim por como que eu posso te dizer, aí tipo ele vai fazer uma negocio e não pode, aí você fica: não pode! Assim não pode! Assim não pode! E ele só fica escutando: não não não! E as vezes você tem que tomar cuidado para não acabar deixando ele ficar fazendo as coisas que ele quer para depois ele não ficar

mimado, birrento... então você tem que tomar aquele cuidado para a criança não ficar birrenta, ficar uma criança mimada, aquelas coisas que as crianças dá show né, quando você vai no supermercado aí a criança, aí você tem que tomar muito cuidado com isso, mas assim, na minha vida assim ó, eu tenho um bebê lindo, lindo, maravilhoso, (risos), dá trabalho? Dá trabalho, mas aí você consegue conciliar as coisas, dá para conciliar, acho que é isso..." (sic)

Após Andréia ter contado sua história de vida, foram abordadas algumas questões a fim de obter melhor compreensão e aprofundar nos aspectos relativos ao tema da pesquisa. O relato que segue abaixo seguirá a mesma ordem de temas ocorridos durante a entrevista, apesar de terem sido organizados, a fim de que os conteúdos de cada um deles fossem apresentados em conjunto.

Desta forma, a entrevistada contou que antes de vir para São Paulo, morava em Brasília com toda sua família, "só quem mora aqui sou eu" (sic). Veio, após o falecimento de seu pai, com sua tia e pelo motivo desta ter condições financeiras melhores do que sua mãe, a qual ficou com 4 filhos para criar. Afirmou que no início, seu contato com sua família se dava através de cartas e durante suas férias escolares, nas quais sempre foi visitá-los. Afirmou que para sua família, é muito difícil vir para São Paulo, já que trabalham ou cuidam de casa e não dá para que todos venham.

Em relação a sua tia, disse que foi ela quem a criou, lhe deu carinho, "me deu amor enquanto minha mãe, minha mãe não estava comigo" (sic). Considera-a como sua segunda mãe e afirma que para sua tia, cuidar dela significou uma responsabilidade maior, já que ela não era sua filha, "ela tinha que cuidar de mim por duas vezes porque eu não era filha dela" (sic). Sobre a decisão de sair da casa de sua

tia, Andréia disse que foi um acordo entre elas, e que já não estava mais dando certo, pois ela estava em uma fase de sair à noite e isso causava um desacordo entre elas.

Sobre a época em que saiu de casa, Andréia disse que foi muito difícil, pois não tinha nada, apenas um rádio e um colchão, contudo, como já trabalhava, aos poucos conseguiu comprar o que precisava, “toda trajetória da minha vida é uma superação” (sic). Segundo Andréia, sua tia tem 60 anos, vive sozinha e sempre trabalhou como babá, “já está com 60 anos, e é uma idade mais complicada, é uma idade mais difícil, ela mora sozinha, então ela tem um pouco de depressão” (sic). Andréia disse que até hoje sua tia a ajuda e que às vezes passa a semana em sua casa, pois ela é muito sozinha e não tem filhos, “aqui e agora ela só tem a mim, então a gente passa sempre junto, (...), está só em casa, sozinha” (sic).

Andréia começou a trabalhar como caixa em uma loja de bolsas, depois passou a desempenhar a mesma função em uma rede de franquias de cosméticos. Após sair deste emprego, trabalhou como extra em outra rede da mesma franquia, onde passou a ser consultora efetiva, até ser gerente de vendas, seu cargo atual.

A entrevistada afirmou que foi assertiva sobre o momento em que escolheu ter um filho: “assim, não veio à toa, ele foi mais ou menos planejado, porque daí eu, na verdade tomava pílula, sempre tomei remédio, mas daí eu esquecia um dia, esquecia outro, não sei o que, então para mim não fazia diferença assim, se eu engravidasse ou não, eu já estava em um momento que já estava com 32 anos, já vem a idade e é mais complicado, se bem que hoje é bem mais avançado, não é mais como antigamente, que 40 anos não podia mais ter um filho, mas eu quis ter na hora certa, e aí veio” (sic)

Segundo ela, no momento em que descobriu que estava grávida ficou com medo de ter dor, principalmente da anestesia. Considera que sua gravidez foi tranqüila, não passou mal e não sentiu enjoos, trabalhou até os últimos dias, sendo que não precisou faltar para ir aos médicos, pois se organizava para ir antes ou depois de seu expediente. Teve parto normal e relata não ter sentido dor.

Afirma que após o nascimento de seu filho foi mais “complicado”(sic), por não saber como cuidar, como pegar um bebê. Sua mãe não pôde vir porque não conseguiu tirar férias. Sua tia ficou vinte dias em sua casa para ajudá-la. Durante outros quinze dias, a mãe de sua comadre lhe deu apoio. De acordo com Andréia, quando seu marido era pequeno ele cuidou dos irmãos e, por isso, no começo era ele quem dava banho, quem limpava, ensinando-a. Para dar de mamar, como Andréia não teve leite ela tinha que tirar e conservar na geladeira, o casal revezava.

Atualmente Caio, seu filho, passa o dia na casa de sua sogra e é seu marido que o leva e busca e, em seguida, a busca no trabalho. A entrevistada confia em sua sogra, contudo, também diz: “na verdade eu não tenho um contato muito próximo com ela, na verdade ela não vai muito lá em casa, que ela fala que sogra quando vive muito na casa acaba atrapalhando” (sic).

Andréia relata que Caio é muito agitado sendo preciso estar atenta ao que está fazendo o tempo inteiro. Ainda afirmou que seu marido a ajuda bastante, sabe sobre como cuidar do filho, dar leite, fazer comida e dar fruta nos horários certos, e ainda fica com filho quando folga, uma vez por semana, “eu tive sorte nesta parte” (sic).

Sobre o desenho que fez, Andréia disse que quis representar sua família, “que sou eu meu marido e o meu filho” (sic), ao redor da natureza, e a casa que está planejando conquistar. Já sobre a linha do tempo que fez, Andréia falou: “aqui foi que

eu tive a superação foi quando eu perdi meu pai, foi quando eu vim para cá, sabe, não é fácil você vir para cá e deixar toda sua família lá e eu não conhecia muito minha tia, minha tia sempre morou aqui, e depois eu fui morar sozinha, então acho que eu superei bastante isso, tanto mentalmente porque você fica longe da família é muito complicado e depois eu vivi muito com a minha tia, ela me ajudou muito e, depois que eu fui morar sozinha, eu acho que foi um momento de superação para mim, e aqui eu tive sucesso, todos os trabalhos que eu fui eu tive sucesso, tanto profissional, como na família, e agora eu estou no meu trabalho, estou em um momento feliz, é isso” (sic)

Antigamente Andréia disse que fazia planos de que quando Caio tivesse três anos, ela teria outro filho, mas hoje não tem esta certeza, porque ela não vai poder dar as mesmas coisas que pode para um filho, como escola particular e cursos, se tiver dois.

Andréia afirma que pretende trabalhar para o resto de sua vida, “porque mesmo a gente sendo casada, hoje em dia é muito difícil, a gente tem que ter as nossas coisas, assim, não depender de marido, eu quero sempre trabalhar, porque trabalhar é uma coisa muito boa, você não fica naquele mundinho, só dentro da sua casa, só cozinhando, lavando, passando, não, você vai para fora, conhece pessoas, vive outra vida, eu penso sempre em trabalhar, eu quero sempre estar trabalhando, vou puxar minha mãe” (sic). Afirma que tanto ela como seu marido trabalham bastante e que seu marido a incentiva a trabalhar, “eu trabalho para ter minhas coisas e para gente junto conseguir uma casa, que é o que a gente tanto quer comprar, porque agora, depois que você tem um filho, você começa a só pensar nele, tipo eu não quero chegar lá na frente, acontecer alguma coisa comigo, e o meu filho ficar sem alguma coisa, se uma casa, e a gente trabalha para isso, (...), então ele não se opõe,

ele não liga de eu trabalhar, na verdade, desde que ele me conheceu eu sempre trabalhei, então, ele me incentiva” (sic).

Conforme o relato de Andréia, sua mãe é aposentada, mas continua trabalhando, e diz que é isso que a faz ser “para frente” (sic), que a faz sentir vontade de se arrumar, de colocar um brinco, “minha mãe é extremamente para frente, é extremamente alto astral” (sic). Fala que suas irmãs a incentivam a ficar em casa, mas que ela não quer, não quer ficar passando e conversando na porta de casa o dia todo e que quando parar de trabalhar, ela vai morrer. Andréia afirma que puxou a alegria de sua mãe, “é muito difícil eu estar de cara fechada, de mau humor, eu não consigo ser assim, eu sou uma pessoa bem alegre, tento transmitir para as pessoas que estão ao meu redor, (...), eu tento ser que eu sou uma pessoa altamente total alto astral” (sic).

A entrevistada contou que tanto sua mãe como seus irmãos não conhecem seu filho, e que em Abril ela e seu marido vão tirar férias e levarão Caio para Brasília. Disse que tem nove sobrinhos, “minha irmã mais velha quis acompanhar minha mãe, cinco filhos” (sic). Afirmou que se sente muito bem quando vai a Brasília, pois sua família é muito unida, todos os domingos almoçam juntos, “está sempre junto, todo mundo muito unido, então, eu tento fazer assim com a minha tia” (sic).

Antes de encerrar, a entrevistadora perguntou se ainda havia algo que Andréia achasse importante ou que gostaria de falar, a qual respondeu que sim, pois ainda não havia falado de seu pai. Disse que faleceu cedo, com 40 anos, e que se lembra que apesar de sua profissão, motorista de ônibus e caminhão, ficava muito com a família, “a gente era uma família muito unida, meu pai era cantor, (...), ele que colocou meu nome, (...), e que quando ele estava com a gente, ele gostava que a gente estivesse cantando, brincando, (...), e a gente sempre foi assim, uma família unida”

(sic). Depois que ele faleceu, Andréia disse que sua mãe trabalhava todos os dias para conseguir pagar o aluguel, e que a condição financeira da família era muito ruim e que foi uma época muito difícil.

“E assim, o que eu puder conversar com o meu filho, eu vou com certeza e o que eu puder dar, tipo o que eu não tive, eu vou correr atrás para conseguir, tipo, na época que eu morava com a minha mãe, ela não podia pagar um curso para mim, tipo natação que eu queria, tipo inglês, alguma coisa assim, que ela não tinha condições de me dar, e até mesmo de pagar uma escola porque hoje em dia é muito complicado escola pública, então eu com certeza vou fazer de tudo para colocar meu filho em uma escola paga” (sic).

5. Análise e discussão dos resultados

*“... Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria...”
Milton Nascimento*

Desde que foi contatada por telefone, Andréia se mostrou animada em participar da pesquisa, sendo que durante todos os procedimentos, transmitiu ser uma pessoa alegre e alto astral. Verificou-se que se dispôs a uma co-construção da narrativa autobiográfica com a pesquisadora, pois esperava a entrevistadora perguntar algo para que desengatasse a falar sem demonstrar nenhum constrangimento, o que revela a importância que a entrevistada atribui a ouvir e ser ouvida. Considera-se que Andréia construiu um relato com serenidade, apresentando disponibilidade à troca entre o entrevistador e entrevistado.

Quando foi solicitado que Andréia fizesse uma linha da vida, ela fez um desenho de sua família e quando acabou, reconheceu que não havia feito o que lhe tinha sido requisitado, executando a tarefa em seguida. No momento em que comentou o que havia representado no desenho mostrou como se projeta no futuro e também a centralidade da família em sua vida. Nesta etapa do encontro, Andréia mostrou que elaborou as próprias perdas, resgatando-as e reparando-as ao longo de sua vida, e mostrando que agora é uma mulher ativa, e não mais uma criança passiva submetida às decisões de sua mãe: deseja morar junto com seu marido e filho em uma casa própria, com a natureza ao redor, o que traz associação com vida, afetividade, união e alegria.

Os pontos que marcaram a linha da vida feita por Andréia: superação, sucesso, trabalho; e a maneira como ela se organiza para contar sua trajetória, realizando uma síntese da mesma, iniciando com sua ida para São Paulo e encerrando com o cuidado que destina a seu filho, demonstram que ela viveu processos de mudanças, as quais envolveram perdas e ganhos. Verificou-se que Andréia inicia a definição de si mesma por meio das rupturas, se definindo a partir de quebras, mostrando que, diante destas situações, apesar de sofrer também consegue crescer. Desta forma, pode-se constatar que o desenvolvimento não segue um curso linear, sendo composto por estabilidade e instabilidade, avanços e retrocessos, além de perdas e ganhos (Hime, 2004). A capacidade de superação das dificuldades revela a resiliência de Andréia e à maneira como conduziu sua história de vida, atribuindo significados às transformações vividas que permitiram a construção e utilização de recursos pessoais e do meio para superar as crises enfrentadas.

Andréia teve uma vivência significativa de múltiplas perdas: quando tinha 10 anos seu pai faleceu e ela foi morar em São Paulo com sua tia, separando-se de sua família de origem devido à condição econômica desfavorável, o que significou uma ruptura em sua vida, com a superposição de perdas que demandaram a elaboração de luto: por sua família, pela casa de sua infância, dos amigos, de sua cidade, além da intensidade da perda de seu pai. Apesar disso, ela demonstrou uma boa resiliência, revelou-se sua força de ego e capacidade de enfrentamento, o que a levou a superar dificuldades e crescer em condições desfavoráveis.

Era muito pequena, contudo se lembra de muitos momentos, principalmente da alegria, união, e da dura jornada de trabalho de sua mãe após o falecimento de seu pai. Andréia tem seu pai como uma lembrança viva: além disso, ele deixou-lhe uma

herança, pois lhe deu seu nome, que é ligado à alegria e festa. Demonstra que tem representações internas positivas de suas relações infantis simétricas e desimétricas.

Como sua família era grande, sendo ela a filha do meio (tinha irmãos mais velhos e mais novos), é possível afirmar que teve relações diversas, o que lhe permitiu maior flexibilidade e adaptabilidade.

Em seu relato, Andréia conta que sua tia a trouxe para São Paulo, devido à condição financeira mais favorável e a maior possibilidade de educação formal. Parece possuir uma sensação de pertencimento a sua família de origem, entretanto, é notável como aos poucos foi sendo excluída, começando pela consideração de que ela, e somente ela, foi escolhida para ir para São Paulo. Desta maneira, acredita-se que Andréia possui experimentações tanto de ser igual, de fazer parte de sua família, com um sistema complexo e dinâmico, como também de ser diferente, pois foi sendo excluída, se tornando ela mesma, alguém singular e único, se discriminando de seu grupo familiar. Ao mesmo tempo que traz à narrativa a imagem da família como base, raiz, diferenciou-se o suficiente para construir seus caminhos pessoais e um relacionamento com sua nova família saudável e satisfatório.

Ainda, Andréia enfatiza que sua família de origem é muito unida, sempre estão juntos, se ajudam e se reúnem em todos os domingos. Como ela mora em São Paulo não compartilhou(a) destes momentos e, por isso, considera-se que Andréia não participa desta união efetivamente. Andréia parece ter uma representação interna idealizada de família unida, da qual ela faz parte, e que ela projeta em sua família real, mas que não condiz com as situações que relata. Pode ser que ela ainda não tenha elaborado suficientemente sua separação da família e que esta idealização seja uma defesa contra o sentimento de exclusão; por outro lado, também pode revelar uma tentativa de resignificação e elaboração de sua relação com sua família de origem.

Deve-se considerar que o passado vai sendo constantemente retomado e reconstruído, ao mesmo tempo que se vive o presente e se projeta no futuro.

Também foi possível observar que a energia que deposita nos encontros com sua família de origem não é recíproca, na medida em que sua mãe e irmãos demonstram maior rigidez e limitações para irem para São Paulo. Andréia comenta que eles não conhecem seu filho e justifica que é muito difícil que toda sua família venha visitá-la e que eles têm outras obrigações como cuidar de suas casas. Contudo, tais argumentos para justificar a ausência deles aparecem de maneira pouco eficaz, pois sua mãe ou algum dos seus irmãos poderiam ter vindo nestes 23 anos em que mora em São Paulo: embora ela também cuide de uma casa, trabalhe, atualmente está se organizando para que consiga, juntamente com seu marido, levar seu filho a Brasília para que todos o conheçam. Para reafirmar a ausência de investimento de sua família de origem para estar com Andréia está o fato de que a maioria de seus familiares mora na mesma cidade. Já que todos são unidos supõe-se que eles teriam maior apoio e suporte familiar, em comparação com Andréia, caso alguém viesse visitá-la.

A partir de sua narrativa, notou-se que Andréia tem intenção de ter sua mãe como modelo, tenta tomá-la como referência ao escolher seus próprios caminhos, procurando se identificar com ela para que a sinta perto: dá importância à realização de atividade remunerada para o resto da vida como também ao fato de se sentir útil e produtiva, o que compões a sua auto-imagem e reafirma uma auto-estima positiva. Andréia valoriza que sua mãe seja alto astral, otimista e positiva e procura ser da mesma maneira. Acredita, como sua mãe, que quando alguma mulher não trabalha, não tem sentido na vida, fica à toa, sem vontade de se arrumar. Ambas têm uma história de superação e se mostram guerreiras em suas conquistas.

Também foi observado em relação ao projeto de trabalhar para o resto da vida que Andréia procura tomar sua mãe como referência. Por outro lado, é justamente o que parece que suas irmãs não intencionam, pois de acordo com Andréia, duas de suas 3 irmãs quiseram acompanhar sua mãe no aspecto ter muitos filhos e ampliar a família, sendo que nenhuma delas trabalha fora de casa. A irmã que não tem filhos tem 26 anos, é estudante e não exerce atividade remunerada. Acredita-se que é provável que a estrutura da família de origem de Andréia seja patriarcal e que sua mãe tenha desempenhado uma função que favoreceu um comportamento conformista de suas irmãs, e que pode ter dificultado o crescimento delas como seres autônomos. Entretanto deve-se considerar que são relações de dupla mãe e que houve esta complementaridade por parte das filhas, o que reforçou os papéis de mãe doadora – filhas receptivas, numa dinâmica estereotipada e rígida.

É possível considerar que Andréia se liga ao trabalho como uma forma de se aproximar de sua mãe, apesar de que para ela significa uma oportunidade de crescer, adquirir autonomia e conseguir realizar seus sonhos, ao passo que para sua mãe parece representar uma necessidade de sobrevivência e sofrimento. Estes dados confirmam as hipóteses de Possate e Dias (2002) e Losada (2007), uma vez que a mãe de Andréia, pertencente a uma classe econômica menos favorecida, enxerga o trabalho de maneira negativa, pois o relaciona à uma necessidade, e Andréia, integrante de uma classe mais favorecida, admite o trabalho como uma contribuição positiva à sua vida, na medida em que lhe confere maior realização pessoal, entre outras coisas.

A maneira como Andréia fala de sua tia, uma mulher que está em uma idade “complicada” (sic), com 60 anos, que não trabalha, fica sozinha e tem depressão, indica que ela imagina que o envelhecimento seja melhor para alguém que trabalhe e tenha filhos, como é o caso de sua mãe, que é uma mulher, da mesma idade que sua

tia, ativa, trabalhadora, alto astral e com filhos. Acredita-se que também se refere à crença de que quando uma mulher não trabalha esta fica à toa na vida; esse fato revela a idéia de que o trabalho permite não apenas a sobrevivência, como representa investimento na individualidade, um instrumento de estruturação do tempo, uma forma de se dar valor e conseguir que os objetivos se efetuem: “a carreira não somente colabora com a realização do indivíduo, mas também intermedia seus diversos papéis perante a sociedade e o auxilia a atingir o reconhecimento do grupo e a realização pessoal” (Meirelles, 2001, p. 29). A autora também observou que, ao contrário das mulheres de carreira, a maioria das donas de casa se mostraram insatisfeitas, “com sérias crises de identidade e também lutando contra os papéis de gênero” (p.34).

Apesar de dizer que sua tia é sua segunda mãe, durante a entrevista, Andréia diferencia o cuidado desta com o de sua mãe, ao dizer que sua tia foi quem a criou desde pequena, lhe deu carinho, amor, e que teve uma responsabilidade e preocupação maior, enquanto sua mãe estava longe, “não estava comigo” (sic). Sua tia era babá, portanto, parece que esta possui uma habilidade para o cuidado, que deve ter facilitado sua relação com Andréia. Também nota-se que até hoje esta relação não apenas se mantém, porque Andréia diz que a relação de Caio com sua tia é de avó com neto, como é recíproca, na medida em que um dia Andréia só teve a sua tia e hoje sua tia tem a ela e seu filho; além disso atualmente Andréia a ajudou financeiramente.

Durante a época em que morou com sua tia, de acordo com os pressupostos psicanalíticos, Andréia passou pela latência e adolescência, período no qual ocorre uma reelaboração do Complexo de Édipo. De acordo com Chodorow (2002), a adolescência renova os conflitos vividos no período pré-edípico e edípico; entretanto, no caso de Andréia, não ficou claro como esta efetuou tal reelaboração, já que

novamente não tinha nenhuma figura paterna em sua casa e não aparecem no seu relato figuras masculinas que poderiam ter sido substitutas do pai.

Durante sua vida, além de sua mãe, Andréia foi cuidada por mais 2 mulheres: sua tia e a mãe de sua comadre, as considerando como segundas mães. Acredita-se que ela absorveu(e) de sua própria mãe e de suas mães substitutas as características que vão a compoendo como pessoa e como cuidadora, ou seja, a partir de como foi maternada, ela filtra, conserva e rejeita aspectos, e ainda percebe que introjeta o papel de cuidadora, sendo capaz de cuidar-se, cuidar do outro e se deixar cuidar, de maneira flexível (Chodorow, 2002).

Andréia superou o padrão econômico, educacional e social de sua mãe, e associa a auto-suficiência econômica por ela conquistada como suporte para a autonomia e agenciamento. Foi possível notar que a aquisição de bens materiais é vista por Andréia como provas concretas, marcos das superações de sua vida, e que procura transpor para Caio, seu filho. Portanto, é possível afirmar que Andréia valoriza tanto o ser como o ter, ser independente economicamente, abrir seus horizontes, ser reconhecida e validada, como ter escolaridade, uma rede ampliada, alimento, e outros bens materiais, como sua casa, demonstrando que possui liberdade de escolher o que acha mais importante.

Neste sentido, Lipovestky (2000) afirma que “o reconhecimento social do trabalho feminino traduz o reconhecimento do direito a uma ‘vida sua’, à independência econômica, na linha direta de uma sociedade que celebra cotidianamente a liberdade e o maior bem-estar individual” (pp. 228, 229). Godinho (2004) notou que a liberdade, que foi mencionada como um direito, associou-se como liberdade de poder trabalhar, “de poder decidir, de escolher, de poder fazer o que quiser, (...), ser independente, e ao direito de ir e vir para onde quiser” (p.154).

Em relação a sua trajetória profissional, é possível afirmar que os cargos que Andréia já exerceu, como de caixa e gerente de loja, indicam que é uma pessoa responsável e comprometida, o que também sugere seu próprio agenciamento, planejamento, cuidado consigo e com o que é dos outros. Andréia se apropria de si e de suas escolhas, comprometendo-se com elas, obtendo conquistas e sempre reavaliando seu projeto pessoal, seu próprio trabalho e se sentindo digna.

Afirma que depois de perdas, superações e conquistas, hoje vive feliz, sendo que considera ter alcançado sucesso na vida, o definindo como estando presente tanto em todos seus trabalhos, como também em sua família. Portanto, Andréia valoriza muito seu amadurecimento e suas aquisições, responsabilizando-se pela própria vida. O sucesso que Andréia relata, relaciona com as satisfações possibilitadas tanto pela maternidade como também através da esfera profissional.

Segundo Andréia, sua gravidez foi tranqüila, conseguindo equilibrá-la com seu trabalho até os últimos dias. Falou sobre suas estratégias de conciliação entre trabalho e gravidez, ao revelar que durante este período costumava ir aos médicos antes do seu trabalho. Entende-se que o medo da dor física do parto que Andréia referiu sentir, seu temor em tomar a anestesia raquidiana, se tratou de uma sinalização, de um receio em lidar com a situação nova de ser mãe e de todas as implicações que este *status* lhe conferiria.

Isso porque, segundo Cavalheiro (2005), não existe gravidez sem conflitos: a experiência da maternidade é permeada por ambivalências, conscientes ou não, relativas ao desejo ou não de ter um filho e que tem a ver tanto com um aspecto mais pessoal, como com, segundo Badinter (1985), a pressão social de que toda mulher tenha filho como sua meta máxima de realização. Esta decisão é conflituosa, pois as

mulheres introjetam estes valores, embora possam fazer críticas racionais sob eles. Tal desejo se relaciona com as experiências de ter sido filha, de ser mulher, além da possibilidade de fazê-las mais completas e satisfatórias. Ainda, como afirma Dolto (1984), amplia a rede papéis da mulher, a tornando fonte mediadora de vida, passando a ser vista como mãe. Lipovetsky (2000) considera que quando as mulheres optam pela carreira, conflitos e sentimentos de culpa quanto às suas funções de mãe emergem e, por isso, acredita-se que o medo que Andréia mencionou ter sentido possa ter se relacionado com a insegurança sobre sua capacidade de cuidar, receio de reviver suas experiências de filha e de ser mulher, e/ou ainda, com a possibilidade de prejudicar seu desempenho profissional, já que era muito valorizada pelo reconhecimento que possuía no âmbito público.

Após o nascimento de Caio, Andréia se tornou mãe, teve muitos apoios, de seu marido, de sua tia, da mãe de sua comadre e de sua sogra, o que indica que precisou ser cuidada para se sentir apta a cuidar, teve a necessidade de ter alguns referenciais que fizeram com que acreditasse ser capaz de cuidar de seu filho. O apoio que Andréia disse ter para com os cuidados de seu filho, indica a necessidade de uma infra-estrutura familiar que permita realizar seu investimento no cuidado de seu filho, como também em sua vida profissional, como levantado por Spindola e Santos (2004).

Ficou claro que desde o início Gilberto, marido de Andréia, a ajudou com Caio e, como ela mesma disse, lhe ensinou muito, pois ela acreditava não saber dar banho, limpar e enrolar um bebê, ao passo que seu marido já tinha cuidado de seus irmãos quando era pequeno e, por isso, sabia quais eram os procedimentos necessários.

Segundo Bowlby (1989):

“um dos pais de um bebê vivencia uma forte tendência para se comportar de certas formas típicas como, por exemplo, embalar a criança, acalmá-la

quando chora, mantê-la aquecida, protegida e alimentada. (...) Todos os detalhes são aprendidos, alguns durante a interação com os bebês e crianças e muitos através da observação de como outros pais se comportam. O processo começa na infância desse futuro pai, na forma como seus pais o tratam e a seus irmãos/irmãs” (p.20).

Este dado ilustra que a capacidade para o cuidado pode ser exercida tanto pela mulher como pelo homem, ou seja, que a espécie humana não possui amor ou cuidado como instinto, mas estes são construídos na relação, apreendidos a partir de experiências obtidas desde a infância dos pais, e na relação com a criança.

Por outro lado, ainda hoje, de acordo com o relato de Andréia, Gilberto é um marido que a acompanha, cuida dele e a incentiva, e também se refere à sua ajuda quanto aos cuidados com seu filho, mostrando que a simetria é valorizada em sua relação, através da qual Gilberto e Andréia podem desenvolver-se em questões relativas ao cuidado, como também investirem em suas individualidades e na conjugalidade.

O casamento de dupla-carreira conduziu a uma maior inserção dos homens do universo doméstico, principalmente em funções de apoio (Bailyn, 1970; Lewis e Pleck, 1979; Scanzoni, 1979; Lein, 1979; Hansen e Rachlin, 1985; Diniz, 1999; *apud* Meirelles, 2001). Entretanto, os autores observaram que as mulheres continuam sendo responsáveis pela casa, pelos filhos e com a preocupação com a satisfação conjugal, e também são elas que continuam as assumindo, não mudando tais aspectos tradicionais.

Os homens modernos já não se sentem ameaçados, mas incentivam a carreira de suas esposas, e também têm a chance de participar do mundo privado, o que

também é um aspecto positivo, já que agora eles têm a possibilidade de resgatarem grande parte de si mesmos, desenvolvendo-se como cuidadores. Já suas esposas, expandiram e flexibilizaram seus papéis, revelaram-se competentes com suas famílias e carreiras, ainda que se sintam cansadas. Sendo assim, apesar de ter sido notável o apoio de Gilberto, pois Andréia revela tanto a ajuda como o incentivo oferecido por seu marido, acredita-se que ela continua se considerando a responsável na medida em que diz que seu marido a ajuda, e não afirma que ajuda com a casa ou com o filho.

As mulheres têm procurado, e também são exigidas, a serem competentes tanto no espaço privado como no público, continuam se sentindo culpadas quando não desempenham o papel de mãe de acordo com as próprias expectativas e também as sociais, independentemente do desempenho que venham a ter no domínio público.

Conforme Meirelles (2001):

“Conclui-se, portanto, que o feminino, bem como o sucesso dessas mulheres, se torna de fato superlativo, pois conseguiram a despeito das barreiras, conciliar família e casamento com a carreira. Um sucesso visível e real, atestando que as mulheres não querem abrir mão da maternidade, ao contrário, desejam-na tanto que buscam através da carreira, realizarem o sonho de darem aos filhos o melhor. Esses sim, os responsáveis pela motivação das mulheres de carreira e pelo feminino superlativo” (p.120).

Atualmente, Caio está em uma fase de experimentações e Andréia reconhece que este precisa de atenção, cuidado e que o limite seja dado. Assim, para ela, o cuidado assume muitas formas: necessidade de impor limites, educação, estar atenta, amar, dar carinho, dar o que não teve para seu filho, re-escrevendo sua própria história, re-elaborando e reparando-a. Também foi possível notar que aspectos ligados à alimentação aparecem de maneira recorrente em seu relato. Considerando-se como

principal símbolo de afeto e que a relação mãe-bebê se dá principalmente através da qualidade desta, é possível afirmar que quando Andréia se interessa pela alimentação de seu filho, também está cuidando do amor que está dando para ele. Deseja oferecer ao filho tudo o que não teve, procurando reparar o que viveu também por meio da preocupação com a alimentação de seu filho.

Andréia mostra-se reflexiva e ponderada, se projetando no futuro antes de tomar uma decisão e se programando para ele, como quando fala sobre ter outro filho, ou pela opção que fez em deixar Caio com a sogra ao invés de uma creche. Chama a atenção quando relatou não ter um contato próximo com sua sogra uma vez que é ela quem cuida de seu filho enquanto trabalha; contudo, foi notado que Andréia atribui um valor para a confiança. Parece haver espaço definido entre ela e sua sogra, indicando que Andréia discrimina confiança de afetividade: se não tem afetividade não tem conflito. Outros valores apontados por Andréia se referiram à educação como caminho de superação e o valor do diálogo.

O tema superação aparece como algo marcante em seu relato e perpassa toda a vida de Andréia. Foi possível perceber que ela tem resiliência, se mostrando capaz de mudar e se transformar, de ser flexível e que considera que dificuldade é desafio e, por isso, é capaz de se planejar, procurar alternativas e vencer obstáculos. Andréia mostrou como as vivências da infância influenciam, e não determinam, o desenvolvimento do psiquismo. Acredita-se que as situações ocorridas durante sua infância e as relações que obteve com sua família, representam uma matriz que a ensinou a ser flexível e a lidar com uma variedade de situações: a perda precoce de seu pai, a sua separação de sua mãe e irmãos e sua vinda para São Paulo lhe mostraram que encontra saídas frente às situações difíceis e que é capaz de superá-las e se re-erguer.

6. Considerações finais

*“Como conciliar? Mas mulher termina conciliando, é o jeito”
Clarice Lispector*

O objetivo do presente trabalho foi investigar como a relação triangular: mulher – mãe – trabalho tem se configurado: quais os desafios que a atual sociedade impõe às mulheres, quais as respostas que aparecem frente a estas demandas, como também a percepção que estas mulheres possuem sobre a qualidade de suas relações, o que levam em conta em seus processos de decisão e o que valorizam em seu cotidiano.

Para que fosse possível alcançar tal objetivo uma mulher casada e que possuía um filho de um ano e quatro meses foi entrevistada de forma a obter um relato autobiográfico a fim de que a análise das experiências de maternidade e trabalho fossem relacionadas com sua história de vida, possibilitando uma maior compreensão de sua singularidade, como percebe, relaciona-se e responde às demandas da sociedade. Embora este estudo não esgote todas as possibilidades de compreensão das articulações existentes entre trabalho e maternidade para a mulher contemporânea, faz um recorte que revela uma possibilidade entre outras de se administrar os possíveis conflitos que emergem da necessidade de investimento em dois âmbitos centrais na vida da mulher.

O instrumento utilizado foi a autobiografia, a qual indica como a época histórica influencia e dá forma à mulher (Levinson, 1996), e que revelou ser útil para compreensão de como se realiza a construção de si-mesmo. A construção biográfica, além de se tratar de uma organização das próprias vivências sob uma determinada perspectiva, é uma co-construção na medida em que também é compartilhada com alguém, o ouvinte, o qual decodifica a partir de seus próprios referenciais e a quem é atribuído um papel. A maneira como a participante se apresentou durante a execução

da narrativa autobiográfica, aberta às trocas, revela a importância da pesquisadora como co-construtora e sugere que a relação se estabeleceu de modo complementar e compreensivo, pois a participante esperava que a pesquisadora desse um direcionamento, fazendo perguntas que refletissem a sua compreensão e objetivo, para que continuasse a falar, sem hesitar, o que facilitou o relato. A escuta da pesquisadora foi interessada, envolvida, empática e respeitosa.

Além de ser um trabalho de interpretação da entrevista, a análise e discussão dos resultados se configurou em um exercício de pensamento clínico para tentar compreender a dinâmica psíquica de Andréia e, com tal fim, foram levantadas hipóteses que não necessariamente poderiam ser comprovadas, mas que se tornaram essenciais para que chegasse ao objetivo deste estudo.

A presente discussão não se trata de uma conclusão, pois ainda existe muito a ser pesquisado sobre as questões envolvidas com a saída da mulher do espaço privado para o mundo público, e que ainda está longe de ser esgotado e concluído, já que as mudanças continuam a acontecer, e muitas de suas conseqüências ainda não são conhecidas em sua totalidade. Portanto, além da entrevistada estar em movimento de desenvolver-se, situa-se numa sociedade também em transformação da qual a entrevistadora faz parte. Portanto, são necessários tanto envolvimento quanto um distanciamento que possibilite clareza nas reflexões.

Gostaria de salientar que este estudo acrescentou muito à minha vida pessoal, acadêmica e profissional, na medida em que sempre foi um assunto de meu interesse e porque desde pequena observo a maneira como a sociedade é organizada, especialmente no que se refere ao cuidado infantil.

Foi possível perceber, a partir do relato de Andréia, que o psiquismo é influenciado pelas experiências vividas durante a infância, e não determinado como Freud afirma, ou seja, acredita-se que também é condicionado pelas vivências posteriores.

Em relação aos 10 anos nos quais Andréia viveu com sua família de origem, observou-se maior afetividade em relação ao seu pai, ao passo que com sua mãe, apareceram poucos dados que possibilitassem uma articulação com seu padrão de maternagem. Contudo, é provável que tenha dividido o cuidado de seus pais com seus irmãos sendo que, após a morte de seu pai, além de não ter tido mais o cuidado dele, sua mãe teve que se preocupar mais com seu trabalho, para que conseguisse sustentar seus filhos e, desta maneira, sua atenção e cuidado com Andréia também devem ter se tornado mais restritos. Neste período, por sua idade, Andréia era mais dependente e passiva em relação às decisões de sua mãe, obedecendo-a.

Estes fatos, juntamente com a vinda de Andréia para São Paulo e separação de sua família de origem, representaram uma vivência muito significativa em sua vida, e acredita-se que seu medo em relação ao parto também possa se referir a uma insegurança quanto a sua capacidade para o cuidado: esta pode ter sido comprometida pelas perdas causadas durante sua infância, o que também aponta para a influência das experiências ocorridas durante esta fase na personalidade do adulto. Entretanto, como a tônica do relato de Andréia está na superação, pôde-se constatar que sua capacidade de enfrentamento e reparação se superpõe às possíveis dificuldades conseqüentes às perdas na infância e adolescência.

Além disso, é possível afirmar que aquele medo também revelou a dificuldade de conciliar seus papéis de profissional e de mãe, apontando para um desafio que a atual sociedade impõe às mulheres, que continuam sendo as principais cuidadoras,

apesar de também atuarem no espaço público, como seus maridos. Por um lado, observou-se que Gilberto ajuda Andréia em relação aos cuidados com Caio; contudo, ela se mostrou a responsável por ele e pela casa. Acredita-se que este *status* ainda seja reivindicado pela sociedade, pelos homens e pelas próprias mulheres.

Este estudo revelou a importância de se ter uma rede social de suporte num momento de vulnerabilidade: isto porque em momentos de crise, é gerada uma instabilidade que representa ao mesmo tempo um rumo ao crescimento e também um risco de retrocesso. Em diversas etapas de sua vida, Andréia teve muito apoio, tanto de sua tia, como a mãe de sua comadre, de seu marido e sogra, que a ajudaram a vencer cada obstáculo e funcionando como promotores de sua saúde.

Para Bowlby (1989), o cuidado é fundamental para que o bebê cresça saudável, feliz e autoconfiante, mas também trata-se de uma tarefa árdua e preocupante, requer tempo, atenção e sacrifício de outros interesses e atividades dos pais. Também enfatiza que não é uma tarefa para uma só pessoa, é preciso que a principal cuidadora tenha assistência para que não fique exausta.

No caso de Andréia, em relação aos cuidados com Caio, atualmente ela conta com a ajuda de sua sogra e de seu marido e, por isso, não precisou recorrer a creches. Acredita-se que procurar ajuda em outras esferas fora do ambiente privado, se trata de uma resposta frente à demanda da mulher em conciliar a carreira com a maternidade. É uma questão de promoção de saúde criar estruturas sociais que sustentem o desenvolvimento saudável das crianças e suas famílias.

Foi possível concluir que a percepção que Andréia tem de suas relações é satisfatória, na medida em que considera ter atingido o sucesso tanto na esfera pública, como na privada, o que demonstra a possibilidade de conciliação da carreira e

da maternidade, e que no processo de decisão das mulheres é possível se levar em consideração ambos os aspectos.

Este estudo mostrou que conciliar maternidade e trabalho representa um desafio para as mulheres contemporâneas, as quais têm valorizado a importância de cada um, têm procurado alternativas que os facilitem e têm conseguido se satisfazer.

Abre-se aqui um campo fértil para a atuação do psicólogo tanto no sentido terapêutico quanto profilático. No caso estudado aparentemente estas intervenções não foram necessárias devido à força do ego, resiliência e outras características de Andréia, mesmo assim, talvez uma orientação e um trabalho de psicoprofilaxia da gravidez, parto e puerpério pudessem tê-la ajudado a viver estes períodos com mais leveza e segurança.

É possível levantar algumas questões: Como estes maridos e filhos percebem esta conciliação? Como os colegas de trabalho enxergam a evolução da profissional que se torna mãe? O cuidado fica prejudicado? E o trabalho? De que forma as mulheres percebem suas relações quando seus filhos já cresceram? Será que a maternidade e o trabalho adquirem novas significações e espaços em suas vidas?

Este trabalho ficou voltado para os papéis de cuidadora e trabalhadora da mulher, e indicou que os homens também estão sendo envolvidos com o cuidado com os filhos. Diante disso e considerando que o papel masculino de cuidador pode ter grande importância para a formação da subjetividade do indivíduo, acredita-se que seria relevante que fosse realizado um estudo sobre a paternidade, sua significação na vida dos homens contemporâneos e a consequência deste cuidado para o desenvolvimento dos filhos.

Foi observado que tanto a maternidade quanto o trabalho se constituem como fatores importantes para a formação da identidade e a realização da mulher contemporânea; entretanto, também verificou-se que os papéis e referenciais tradicionais de gênero continuam aparecendo, denunciando a força das relações sociais desiguais impregnadas em nossa sociedade, e indicando que conciliar maternidade e trabalho é um desafio para a mulher contemporânea, a qual tem procurado alternativas e mostrado que, apesar de ser uma tarefa árdua, é possível.

7. Referências bibliográficas

- . ALMEIDA, L. S. *Mãe cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham*. Niterói: Rev. Dep. Psicol, vol. 19 no. 2, jul/dez 2007.
- . BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- . BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- . BOLETIM Mulher e Trabalho nº 21: *Trabalho e Desigualdades de Gênero na Região Metropolitana de São Paulo*. São Paulo: SEADE, mar/2010. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/produtos/mulher/boletins/resumo_boletim_MuTrab21.pdf>. Acesso em: 17 abril. 2010.
- . BOWLBY, John. *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- . CAIXETA, J. E & BARBATO S. Identidade Feminina – um conceito complexo. Ribeirão Preto: *Paidéia*, vol 14.no28, maio/ago 2004.
- . CAVALHEIRO, Tatiana Alexandro. *Maternidade: uma herança de mãe para filha?* São Paulo, 2005. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- . CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- . DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. Dilemas de trabalho, papel de gênero e matrimônio em casais que trabalham fora em tempo integral. [s.l.] *Coletâneas da ANPEPP*, v. 1, n. 1, p. 101-111, 2000.
- . DOLTO, Françoise. *Sexualidade Feminina*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- . ESTECA, Fabiana Mara. *A mulher no mercado de trabalho: a redefinição dos papéis femininos e as conseqüências para as relações conjugais*. São Paulo, 2004. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- . ERIKSON, Erik H. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar 1976.
- . FIGUEIRA, Sérvulo. O moderno e o arcaico na nova família brasileira. In: FIGUEIRA, Sérvulo (org.). *Uma nova família?* Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- . FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a sexualidade. In: SALOMÃO, J. (org.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, vol. VII p. 123-252. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1974.
- . FREUD, Sigmund (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: SALOMÃO, J. (org.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, vol. XIX, p. 217-228 . Rio de Janeiro: Editora Imago, 1980.

- . FREUD, Sigmund (1931). Sexualidade Feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, vol. XXI, p. 257-282. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1974.
- . FREUD, Sigmund (1932). Feminilidade – conf. XXXIII. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*, vol. XXII, p. 113-134. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1974.
- . GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.
- . GODINHO, Tatau. Democracia e política das mulheres brasileiras. In: VENTURI, Gustavo et al (orgs.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 149-160.
- . GUBA, E. G. & LINCOLN, Y. S.. Competing paradigms in qualitative research. In: N. K. DENZIN & Y. S. LINCOLN (orgs.). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage Publications, 1994, p. 105-117.
- . HIME, Flavia Arantes. *Percepção da maternidade e status de identidade de jovens universitárias*. São Paulo, 1987. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- . HIME, Flavia Arantes. *A biografia feminina e a história das relações amorosas “o vôo da fênix”*. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- . LEONE B.T. & BALTAR P. *A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro*. São Paulo: Rev. bras. estud. popul. vol.25 no.2, jul/dez 2008.
- . LEVINSON, Donald J. *The seasons of a man's life*. New York: Ballantine Books, 1978.
- . LEVINSON, Donald J.; LEVINSON, J.. *The seasons of a woman's life*. New York: Ballantine Books, 1996.
- . LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminino*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- . LOSADA, B. L. & ROCHA-COUTINHO, M. L.. *Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresárias*. Maringá: Psicol. Estud. Vol.12. no.3, set/dez 2007.
- . LUDKE, M. & ANDRÉ, M.. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.
- . MARRI I.G. & WAJNMAN S.. *Esposas como principais provedoras de renda familiar*. São Paulo: Rev. bras. estud. popul. vol.24 no.1, jan/jun 2007.
- . MEIRELLES, Valéria. *Feminino superlativo: mulher, família e carreira*. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- . MEIRELLES, Valéria. Mulheres nos Casamentos de Dupla Carreira: uma Realidade a Ser Refletida. In: MEIRELLES, Valéria (org.). *Mulher do Século XXI*. São Paulo: Editora Roca. 2008, p. 67-74.
- . MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Hucitec-Abrasco, 1998.
- . MOON, S. M. (1990). *Family therapy and qualitative research*. Journal of marital and family therapy, 16 (4), pp. 357-373.
- . MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- . POSSATI, I. C & DIAS, M. R.. *Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem estar psicológico*. Porto Alegre: Psicol. Reflex. Crit. V.15 n.2, 2002.
- . REIBEL, Kim. *Tornar-se mãe: uma reflexão*. São Paulo, 2000. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- . SORJ, Bila. Trabalho remunerado e trabalho não remunerado. In: VENTURI, Gustavo et al (orgs.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 107-120.
- . SPINDOLA, T. e SANTOS, R. S. *Mulher e trabalho: a história de vida de mães trabalhadoras de enfermagem*. Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]. 2003, vol. 11, no. 5, pp. 593-600. ISSN 0104-1169.
- . WINNICOTT, Donald Woods (1987). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1996.

ANEXO A: Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado (a) na pesquisa de campo referente ao projeto intitulado “Maternidade e trabalho: o desafio das mulheres contemporâneas”, desenvolvido pela Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fui informada, ainda, que a pesquisa é orientada pela Profa. Dra. Flavia Arantes Hime, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone 3670-8320.

Afirmo que aceitei participar por minha vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é compreender a percepção que a mulher-mãe-trabalhadora tem de seus vínculos, escolhas, possibilidades e desafios. Fui também esclarecida de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista a ser gravada.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicada, poderei contatar o pesquisador responsável ou seu orientador, ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCSP.

A pesquisadora principal do estudo me ofereceu uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

Fui ainda informada de que posso me retirar deste estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo .

São Paulo, _____

Assinatura da participante _____

Assinatura da aluna pesquisadora _____

Assinatura da orientadora _____

ANEXO B: Linha da vida

Sur Prasad

Success

Karbhak

ANEXO C: Desenho

